RESUMO

PARA SERVIR DE INTRODUCÇÃO

Á

MEMORIA ESTATISTICA

SOBRE OS DOMINIOS PORTUGUEZES

NA

AFRICA ORIENTAL

POR

SEBASTIÃO XAVIER BOTELHO.

LISBOA:

NA IMPRENSA NACIONAL.

1834.

Com Licença.

Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.
Camões Canto V. Oit. XXIII.

Vê do Benomotapa o grande imperio
De Selvatica gente, negra e crua;
. . . .
Nasce por este incognito hemispherio
O metal, porque mais a gente sua.
Camões Canto X. Oit. XCIII.

RESUMO

PARA SERVIR DE INTRODUCÇÃO

Á

MEMORIA ESTATISTICA

Sobre os Dominios Portuguezes na Africa Oriental.

Nos amenos, e aprasiveis Climas da Europa, aonde verdejão os Campos, florecem os prados, as arvores dão saudaveis e frescas sombras, e toda a terra se veste de rosas, lirios, e boninas; aonde ha trato de Varões doutos, e tudo convida a agricultar o commercio das artes e das sciencias, facil he grangear cabedal de conhecimentos estatisticos, e gostosa tarefa reduzi-los a bom systema: porem he tudo pelo contrario nos agrestes e ardentes Climas da Africa Oriental, aonde para os adquirir he necessario entrar a braços, e como em desafio com os maiores riscos e precipicios atraveçando rios despenhados e furiosos, penedias alcantiladas, serras fragosissimas, sertões despovoados, brenhas temerosas, valles profundissimos, praias desabridas, aonde até na força do Verão ha tempestades de cruelis-

simo Inverno: respirando ares doentios, arrostando muitos e mui diversos trabalhos e perigos de vida, a braveza das feras, as siladas nos montes, as traições de tanta variedade de selvagens, e a sêde, e a fome, e as particulares enfermidades para que nenhum remédio ha nem da arte nem da natureza.

Daqui vem haver-se na Europa cultivado, e aperfeiçoado tanto o estudo da Sciencia Estatistica que não ha ahi nação policiada, por pequena que seja, que não tenha á mão o inventario de todas suas riquezas, e não saiba quaes, e quantas sejão, e que partido possa tirar dellas. Daqui vem escreverem os Geografos tão estendidamente no que toca a esta parte do mundo, e ainda da Asia, e da America, e serem muito minguados no que respeita á Africa Oriental, remettendo-se nesta parte aos escriptores Portuguezes.

Mas nisto mesmo sobeja rasão temos de nos queixar de nossos escriptores naturaes. Com se engolfarem no jubilo de eternisarem o nome Portuguez, levando á posteridade a fama de nossas descobertas e heroicos triunfos, espraião-se largamente em narrar nossos feitos de armas em todo o Oriente, engrandecendo os primores e gentilezas dellas. Não ha terra conquistada, Fortaleza rendida, Rei avassalado e tributario que nossas historias não refirão. As guerras, os trabalhos, as batalhas, os arraiaes, os exercitos, o nome dos Capitães, o numero da soldadesca, seu valor, seus brios, suas façanhas, tudo ahi anda escripto e particularisado grandemente. Em tudo o mais passárão por alto nossos historiadores, não fazendo materia de nenhum outro assumpto para o

escreverem. Cahírão todos neste erro, e deixárão-nos ás escuras, só com a vã-gloria de nos chamar-nos donos, sem sabermos de que; tão estranhos em nossa propria casa, como se vivessemos em morada alhêa.

Adquerimos com a descoberta do Cabo da Boa-Esperança, e passagem para as regiões Orientaes, não só nome e fama de bons pilotos, e valentes guerreiros, se não que estabelecemos nova época no mundo, mudando por esta via o Commercio, os usos, a industria, e o governo de todos os povos. Desde esta época todos os homens trocárão mutuamente opiniões, leis, costumes, enfermidades, remedios, virtudes, e vicios. Desde esta época, de pequenas, que erão se tornárão poderosas algumas Nações, e outras que erão grandes, conciderravelmente se enfraquecêrão,

Contando do Cabo da Boa-Esperança até ás portas do Japão houverão os Portuguezes quasi hum Senhorio absoluto. Nenhum Soberano naquellas partes alcançava alliança com os Reis de Portugal sem lhes jurar vassalagem, sem lhes permittir a fundação de huma Fortaleza na Capital de seus Estados, e a taixa do preço das mercadorias a arbitrio dos compradores Portuguezes. Nenhum mercador estrangeiro carregava seus navios primeiro que elles, e ninguem navegava nos mares Orientaes sem seu consentimento, e passaporte. Bastava pouca da nossa Soldadesca para derrotar exercitos numerosos, em toda a parte a encontravão os inimigos, e em toda a parte ficávão por ella desbaratados.

Maravilhava-se a Europa com o numero de nossas victorias e conquistas. Que nação

tão pequena fez até agora tamanhas cousas? Aos Portuguezes sobrava-lhes a valentia: ousados, e destemidos aventurávão tudo com mesquinhas forças, e com ellas amedrontávão o imperio de Marrocos, os barbaros da Africa, os Mamelucos, os Arabios, e todo o Oriente desde Ormuz até á China. Que homens erão os Portuguezes d'quelle tempo? Que circunstancias extraordinarias os fizerão hum Povo de Heroes?

Desta arte, desde a Costa de Guiné até ao mar-Vermelho eramos temidos, e respeitados. Todos os portos nos estávão abertos, todos os Reis nos atrahião e festejavão, disputando entre si a qual delles nos faria melhor hospedagem, daria maiores vantagens, concederia maiores privilegios e maiores franquezas: redundando tudo no mais rico e avultado commercio. Desta arte dominávamos terras e mares, cousas e pessoas; as producções, o commercio, a navegação tudo era nosso; os mais preciosos objectos, com que depois se enriquecêrão tantas nações, estavão concentrados em nossas mãos, e este monopolio nos tornava arbitros absolutos do preço dos productos, e manufacturas da Europa, e da Asia.

Com tanta gloria, thesouros, e Conquistas podião os Portuguezes fundar hum Imperio mais vasto e poderoso que o de nenhum dos Imperadores do mundo; mas os vicios e a ignorancia de alguns Capitães, o abuso das riquezas, a distancia da Patria, o fanatismo religioso, o despotismo politico, erros de intendimento e alguns de vontade e reflexão conciderada, convertêrão o valor em tyrannia, e fizerão desapparecer de todo a humanidade e a

boa fé. Todo o territorio dominado pelos Portuguezes transformou-se em hum theatro de perfidia e crueldades.

A quem senão aos Portuguezes cumpria tratar miudamente de todas estas cousas que elles mesmos descobrirão, ganhárão, e possuírão? Quem de mais perto as vio e apalpou? Quem mais largamente podia, e devia escrevê-las e explica-las? Mas foi grave o descuido, e grande a falta em que a este respeito cahirão. E que muito, se dados exclusivamente ás gentilezas d'armas, os Capitães só tratávão de praticar façanhas, e os historiadores de escrevê-las, e enfeita-las.

Descobridores da Costa das duas Africas, e de todo o Brasil, dominadores de quasi todo o Malabar e Ilhas adjacentes; foi tamanho nosso descuido, e he tão grande a mingoa de conhecimentos estatisticos que não temos huma planta geografica de cada hum dos portos, e nem ao menos huma Carta geral de cada Capitania. Apenas o Governador Pedro de Saldanha, que governou Moçambique, em tempos que as cousas da Africa merecerão alguma attenção ao Governo de Portugal, mandou alevantar huma Carta, que vi, e examinei, conferindo-a com as noticias de pessoas versadas em todos aquelles logares, que por elles discorrêrão e mercadejárão. Foi alevantada por hum Piloto só com os principios e regras de pilotagem, ajudado de huma agulha de marear, que destemperava a cada passo, como acontece nos grandes calores do Sertão, sem que até agora se atinasse com a causa; e por isso andão alli erradas as latitudes. Como faltassem os instrumentos proprios para

formar os triangulos, e medir os terrenos, muitos delles estão marcados fora de seus competentes logares. Taes são Manica, Xingamira, Quiteve, e as terras visinhas ao Monomotapa; e o berço do rio Zambeze, ou Cuama, com as duas pernas em que se divide.

Não he menor o erro com que naquella Carta se confundem os tres rios que formão a Bahia de Lourenço Marques. Neste erro cahirão tambem alguns de nossos historiadores, dando a origem do rio do Espirito Santo junto de Manica, quando elle desagôa do Cuama antes do ponto em que se divide nas duas pernadas, e vai correndo mui affastado de Manica, regando as fraldas das montanhas de Lupata até vir morrer no Oceano Atlantico. Bem pode ser que este erro de nossos historiadores fosse parte para o em que cahio o Piloto que alevantou a Carta. Assim mesmo he a que temos, e em geral pode servir de auxilio, e algumas vezes me vali della para esta obra.

O Roteiro maritimo de Pimentel, obra que tanta honra nos faz, e mais apreciada pelos estrangeiros que por nós, talvez por ser nossa, a qual em minhas viagens nunca larguei de mão, he todavia muito enganosa em despegando de descrever as Costas maritimas, o que faz tão primorosamente, que o mesmo he lê-lo que ver, e passear pelos sitios e logares que descreve tão fielmente como a natureza os creára. Já não he assim quando algumas vezes se alarga em discripções pela terra dentro.

Não podemos louvar-nos com segurança em nossos historiadores, nem ha fiar n'elles a este respeito sem exceptuarmos João de Bar-

ros, Diogo de Couto, e Faria e Sousa; porque este he mais noveleiro que historiador, e aquelles que tão Classicamente escrevêrão são diminutos, e dão fé a cousas mal averiguadas, entrando na conta as mesmas que relata Diogo de Couto por elle presenciadas, e apontadas quando naufragára a Nau S. Thomé.

Discorrendo pelos outros historiadores, assim Portuguezes como estrangeiros, pouco frucio se pode colher delles. Os nossos como Fernão Lopes de Castanheda, na sua historia da India, he miudo nas circunstancias, rico nos feitos de armas, e pobrissimo em tudo o mais. Verdade he que escreveu no começo das descobertas, e não havia ainda outros assumptos para se espraiar. Damião de Goes na Chronica d'ElRei D. Manoel he ainda mais diminuto, toca poucas cousas e essas por alto. D. Jeronymo Osorio, *de rebus Emanuelis*, esmerou-se nos primores da latinidade, descrevendo as batalhas e as victorias com pincel de mestre, mas hum e outro estreitou-se nos limites deste so reinado. O Padre João de Lucena, que enfeita a vida de S. Francisco Xavier com todos os atavios da linguagem, não lhe escapando logar que o Santo pizasse, milagre que fizesse, almas que convertesse, afora isto, nada escreve das cousas Orientaes, que não venhão pegadas áquelle piedoso assumpto; e o mesmo he estuda-lo, que ficar sabendo as perigrinações, e as virtudes do Santo, e nada mais. Fernão Mendes Pinto, alargou-se nas cousas da Absinia, disse muito do que nos não pertence, mui pouco do que he nosso, e excepto a pureza da linguagem, e a variedade dos vocabulos, nada ha

que aproveitar delle. Antonio Tenreiro no seu Itinerario, vem-nos trazendo por entre povoações, e gentes desconhecidas, com que hoje não temos nenhum tracto, e outr'hora bem pouco tivemos. Guiar por elle he caminhar as cegas, e com rumo perdido. Jacinto Freire, puro na dicção, e ellegante no estilo, rico na linguagem, encheu dos ornatos da rethorica o Cerco de Diu, tecendo o ellogio de D. João de Castro, e omittindo todas as particularidades que respeitão aquella Ilha. Em summa a lição de todos estes nossos historiadores, enche-nos de enthusiasmo, pela narração de nossas quasi milagrosas façanhas n'aquella parte do mundo; mas deixa-nos os olhos vendados á cerca de tudo que não são batalhas, e victorias.

Os escriptores estrangeiros são fieis copistas dos erros que andão em nossas historias, e quando começão de filosofar sobre nossas Colonias, despenhão-se, e desacertão.

O Abbade Reinal, na sua historia filosofica do estabelecimento e commercio dos Europeos nas duas Indias, he hum eloquente Declamador, que alevanta o espirito de seus leitores, he hum apostolo da humanidade, mas os factos são mal averiguados. A este historiador filosofo he que se deve o erro de assignalar a ilha de Anjoanes, Capital das ilhas de Comoro, como porto que demandão os navios Inglezes para refrescarem, quando navegão para a Costa do Malabar. Continuão os erros, já dizendo que os Portuguezes descobridores daquellas ilhas, forão ahi assassinados por suas muitas cruezas, o que aconteceu em Mombaça, e não em Anjoanes; já figurando

vales aprasiveis e deliciosos vergeis no terreno daquellas ilhas, que o não ha nem mais arido, nem que maior esterelidade represente; produz milho, arrôz, côcos, algumas tameras, e as praias alguma tartaruga, e nada mais; não he maior a abundancia de gados; tem apenas cabras, e muito poucos bois. O seu idioma he de raiz arabica, mas com dialecto proprio tão diverso do verdadeiro arabe, que quasi se não entendem. Seus naturaes intitulão-se Mojôjos, são de côr bassa; nutrem-se da carne de todos os animaes, excepto do porco por serem Mahometanos. Constituem huma nação privativa; conformão em costumes com os Arabes de Zanzibar, mercadejão com esta ilha, com as de Cabo Delgado, e com Moçambique, onde trazem dos generos do seu paiz, e alguns negros, que tudo resgátão por dinheiro de contado. Seu Rei he tão pobre que, de tempos em tempos, manda algum dos principes seus filhos comprimentar o Governador de Moçambique, brindando-o com alguns cabritos, o qual alli fica residindo muitos mezes mantido elle e toda a sua commitiva, por conta do Estado, e recolhendo-se depois de bem farto, e bem presenteado. São gente docil, e a que mais trata com os Portuguezes, e nunca achámos quebra em sua lealdade.

Não he exacta a descripção que faz dos Banianes, esmerando-se em pintar a idade de ouro nas virtudes pacificas, e singeleza de costumes desta Casta de Indios do Indostão. Parece fabuloso quanto refere de sua boa fé nos contractos, e da simplicidade de suas transacções; tive occasião de os observar de perto por

espaço de cinco annos e posso affirmar que releva toda a vigilancia para não cahir em suas ardilezas mercantis. Se tem alguma fidelidade nas transacções, he de huns com outros, que certo não ha gente, que mais se dobre, e mais afrontas sôfra silenciosamente, para melhor trahir a boa fé dos contractos: tem por acção religiosa e meritoria, enganar todos os de diversa crença.

Estes Indios não formão corpo de nação, e vivem de mercadejar; simelhão muito com os Judeus, Armenios, e Bohemios no meneio de vida, sem haver cousa a que se não sugeitem, e artes que não empreguem, para engrossar em cabedaes. São faceis em dar a credito as fazendas de commercio, não já por boa fé e confiança nos devedores, se não pelas enormes usuras que tirão destas transacções.

Apezar de sua docilidade e macio trato, são todavia mui deshumanos com os escravos; era hum dos generos em que mais negoceavão em quanto permittido; já vendendo-os, já tirando todo o lucro de suas obras, sem lhes faltar o azurrague, e faltando-lhes sempre com o alimento. Engana-se Reinal, quando diz que estes escravos são tratados com singular humanidade como membros da familia, admittidos ao commercio, e podendo dispor a beneficio de seus descendentes. A frugalidade com que vivem mantendo-se unicamente de leite, e de vegetaes he parte para a riqueza que amontoão, e que depois decipão no esplendor e magnificencia das nupcias, ainda mais que no estabelecimento dos filhos, como refere este Escriptor.

Jazem os primarios estabelecimentos dos

Banianes em diversas partes do Indostão, e ahi vão parar os lucros do Commercio da Asia, e da Africa Oriental agricultado por seus commicionados existentes a mór parte delles em Diu, e Damão, aonde residem com domicilio, e familia, e de donde expedem annualmente dous, e tres navios para Moçambique, carregados com generos de Bombaim, Surrate, Madrasta, Guzarate, e toda a Costa do Reino de Cambaia, levando em retorno ouro, marfim, abada, ambar, e alguns effeitos da Europa.

Em Moçambique vivem de outenta, a cem destes Banianes; formando huma especie de Feitoria que se renova em cada monsão, hindo alguns que já tem feito fortuna, e vindo outros para a adquirirem; passando de mão não só os interesses, senão a mesma norma, e regra de mercadejar. Aqui não lhes he permittido nem o exercicio de sua religião, nem viverem com suas mulheres, sendo-lhes livre ambas as cousas nas terras da India Portugueza.

Muito proveito podião tirar as Alfandegas de Moçambique, Damão, e Diu se o Commercio dos Banianes fosse regulado por Leis apropriadas a seus usos e costumes, dando-se-lhes todas as franquezas e liberdades, e destruindo ao mesmo tempo o monopolio exclusivo do Commercio de nossos Dominios de Cabos a dentro, que lhes tem cahido nas mãos, não tanto por sua industria, como pela ignorancia, e presumpção dos que lá e cá dirigem os negocios públicos. Seria não ter fim se quizessemos numerar os erros em que tem cahido os Governos antecedentes, e quanto Portugal está ás escuras ácerca de seus Do-

minios Ultramarinos, de que nunca soube tirar proveito, e que hoje nem se quer lhe servem de ostentação e vã-gloria, podendo ser ainda, huma das principaes taboas da sua salvação.

Continuando com os escriptores: Beauchamp he hum plagiario, ou antes hum traductor da Historia Brasilica, com todos os seus erros, e descuidos. O Abbade Duprat abisma os seus leitores em hum laberinto de hypotheses graciosas. Escreve das Colonias existentes, sem joeirar com boa critica os factos, e a indole dos Colonos, avaliando aquelles como os viajantes lhos contárão, e supondo estes como se lhe figurão.

Comtudo ha muito que aproveitar da filosofia de Reinal, e da politica de Duprat; o primeiro ensina a suavisar os horrores da escravidão, a policiar aquelles povos bravos, mais por ignorancia que por natureza, a grangear os fructos do Commercio e de todos os mais ramos de industria. O segundo; he professo no conhecimento das artes que emprega o coração humano, para se remir do captiveiro; nenhuma lhe esquece, todas classefica; he o farol que a este respeito deve allumiar as nações Europeas. Mas valendo muito a lição destes escriptores, para regular de futuro a condição dos habitantes das possessões Ultramarinas, de nada me serviu para me encaminhar nos conhecimentos Estatisticos.

As historias dos naufragios, que melhor nos podião prover de seguras noticias, andão cheias de erros; porque, nem forão escriptas por homens professos no officio de escrever, nem as cousas que nos contão forão recolhi-

das, e joeiradas com animo livre e quieto, qual em taes casos convem, senão com elle atribulado e desfallecido, como naufragantes, que surgindo em terra depois de andarem muitos dias na lingoa das ondas a Deos misericordia, pozerão logo o peito aos perigos e trabalhos de suas tão duras perigrinações Nem elles mesmo havião comsigo outros instrumentos de observar e medir, senão alguma agulha destemperada que nordesteava, e algum astrolabio descompassado que lhes mentia; se por ventura acertavão de salvar qualquer destas cousas do furor dos mares, e dellas mesmas erão muitas vezes forçados a se desfazer resgatando-as por mantimento para se remirem da fome.

Daqui vem a escuridade da historia Africana, e tantas fabulas consagradas de longo tempo, por errados escriptos, e falças tradições. Daqui as terras, e os thesouros de Offir de que fallão a Escriptura, e os annaes dos Egypcios: daqui as fabulosas minas de prata do Reino de Chicova, em que tanto se espraia Diogo de Couto, argumentando a favor dellas com factos de que não ha memoria, e que custárão a vida a Francisco Barreto, Diogo Simões, Vasco Fernandes, e seus companheiros: daqui os erros em que cahio o Padre Frei João dos Santos na sua Ethiopia Oriental descrevendo os primores de Sofala; mas confundindo as producções de agricultura, e os diversos ramos de Commercio, estabelecendo estes aonde nunca os houve, e attribuindo aquelles a terrenos aonde não vingão, esmerando-se em descrever poeticamente os mimos da natureza, e os jardins das Hesperides aon-

de só ha brenhas inhospitas, e escalvadas Serranias; não porque ali falleção estes quadros tão risonhos e pitorescos, mas em outros logares e latitudes. Daqui o erro dos que devidem o Rio Zambeze em quatro rios, fazendo-o destincto do Rio Cuama quando he hum só Rio com estes dous nomes, o qual se reparte em dous braços, hum dos quaes vem despejar no Oceano pelas barras de Loabo, e o outro pela de Quelimane.

Estes antigos erros adoptarão-se em algumas Memorias escripas por viajantes estrangeiros. Em huma sobre o estado das cousas de Moçambique escripta em 1789, dão-se tresentas legoas de distancia de Quelimane até Zumbo, quando são apenas dusentas mal medidas.

Nas duas obras Estatisticas modernamente publicadas, huma com o titulo = Compendio de Geografia historica, antiga e moderna, e Chronologia para uso da mocidade Portugueza =, e outra = Tratado completo de Cosmografia, e Geografia = encontrão-se a respeito da Africa Oriental, muitos erros que não tiverão outra origem, senão virem copeados de obras estrangeiras cheias de vicios, e cingir-se seu author a historias contadas por pessoas que não havião cabal conhecimento do que contárão. As aturadas fadigas literarias de seu author, que merecem grandes louvores, não bastavão, para caminhar seguro, como não tivesse occasião de ver, tratar, e observar pessoalmente as cousas, as gentes, os usos, os terrenos, e mais assumptos estatisticos de que faz menção nas referidas obras.

Na primeira dellas cahe no erro de dar

á Capitanía de Moçambique duzentos e oitenta e quatro mil habitantes; destes só tres mil brancos, e o resto negros do paiz. Dos negros he impossivel saber-se o numero, quando não seja dos que vivem de portas a dentro com seus Senhores, o qual he muito mais diminuto; e o dos outros dispersos pelos Prasos, e pelo Sertão, o qual se não pode exactamente apurar, he sem duvida muito maior. Os brancos, a que se póde fazer a conta, ainda entrando os Arabes e os Baneanes, não montão em dois mil. Este computo de população foi erradamente feito em nossos ultimos tempos por mal fundadas conjecturas de alguns viajantes Inglezes. Cahe o author no mesmo erro a respeito do numero de dez mil e duzentos brancos que dá á nossa India Portugueza, aonde, se tanto, haverá hoje pouco mais de metade.

Continúão os erros: Diz que o Reino de Mombaça estivera em poder dos Portuguezes até ao anno de 1631, quando nós a recobramos em 1792, e o perdemos por sublevação de seus naturaes muitos annos depois no Reinado d'ElRei D. José 1.°: e nem he grande, nem consideravel como refere. Hoje apenas se nomeia Melinde, que conserva o nome de Reino como Sofala, e Anjoanes; mas quasi despovoado, sem nenhum commercio; não já *bello*, *consideravel*, e *commerciante* como elle assevera.

Outro engano: Quiloa não paga nenhuma espece de tributo aos Portuguezes, nem jámais o pagou. Foi terra nossa desde 1529, e passou á força de armas para o poder do Imamo de Mascate pouco antes da sublevação de Mom-

baça. Não tem nenhum commercio; a producção he nenhuma, a gente bravia e em pequeno numero. A Ilha de Zanzibar he a unica povoação consideravel, mercantil, e rica, em toda a Costa de Zanzibar.

Nunca a villa de Inhambane mercadejou em perolas, que nem alli vão a vender, nem se colhem n'aquellas agoas, senão nas de Sofala e Ilhas de Basaruto. Sofala não jaz sobre o Rio Cuama, mas está bebendo no Oceano, e na distancia de mais de secenta legoas he que vem despejar o de Luabo que he hum dos dois braços daquelle Rio.

Só governando-se por escriptores pouco versados na Geografia Africana, he que podia cahir em tão graves erros. E não despegão: A' Cidade de Moçambique dá quarenta e cinco mil almas, quando tem muito menos de metade, agora mesmo que está mais avultada em povoação. Diz que esta praça exporta para a Europa gomma, resina, pimenta comprida, pelles de tigres, drogas medicinaes e de tinturaria, christal de rocha, pennachos, balsamo, e ambar: quando se cifra toda a sua exportação para esta parte do globo em algum marfim e ponta d'abada, bem pouco ambar, e alguma tartaruga; ha sim de todos estes generos em grande copia, mas despresados sem grangeio, perdidos para Portugal, e para as outras partes da Europa.

Huma prova de nossa acerção he o erro dos nomes dados em linguagem com as terminações da lingua franceza, e ingleza. Ao porto de Bombatoque na Ilha de Madagascar dá elle o nome de Bembatuk. As ilhas de Comoro são quatro, e não cinco como elle diz: e

vem a ser Anjoanes, Mayota, Mulale, e Angaje ou Comoro; fazendo duas ilhas desta ultima que se conhece por qualquer d'aquelles dois nomes. He negligencia pueril á Villa de Tete, em Rios de Sena, chamar-lhe Villa da Cabeça, traduzindo Tete por Cabeça em lingoagem Portugueza.

As mencionadas quatro ilhas formão hum archipelago dentro do Canal por onde na carreira da India só navegão os Navios Portuguezes, e raramente os estrangeiros, e por isso não as demandão para refrescar. Quando alguma destas embarcações apertada por ventos rijos e ponteiros, lhe he força embocar o Canal, refresca em Moçambique, que he o melhor porto, e o mais bem provido de todos aquelles mares; sendo rarissimos os que fundeão n'quellas Ilhas.

Não he menor erro, mencionar as ricas minas de Zumbo, quando he terreno esteril de oiro, e o que alli se compra em huma feira annual he vindo de Abutua Capital do Reino de Xingamira, aonde ha grande copia destas minas; e o mesmo acontesse na outra feira de Manica, aonde se resgata o oiro colhido nas tenras do Monomotapa, sem que em nenhum daquelles dois lugares haja minas de oiro de que sejamos donos.

He gravissimo descuido dizer que Moçambique tem hum Bispo com a denominação de Pentacomea; quando em Moçambique não ha Bispado, senão huma simples Prelasia com hum Administrador que tem jurisdição ecclesiastica mui limitada sem jerarchia, nem insignias Episcopaes. Aconteceo que o Senhor D. João 6.° proveo nesta Prelasia o Bispo Ti

tular de Pentacomea, depois delle o Bispo d'Olba, e ultimamente o Bispo de S. Thomé, e daqui veio o erro em que cahio o author por falta de exame. Por este mesmo motivo diz que as Ilhas de Querimba tem muito bons portos, e que alli negoceão os Portuguezes, recebendo em retorno marfim, que se não resgata naquellas paragens; ébano de que só ha abundancia nos arvoredos de Tete em Rios de Sena; e muita quantidade de obras de Conchas, quando naquella Costa verdade he que as ha muitas, e mui diversas; mas sem que seus naturaes fação dellas a mais insignificante manufactura.

O cuidado com que a Sociedade Africana de Londres tem indagado, e recolhido as mais recentes noticias, tem sido até agora pouco proveitoso, não correspondendo a seus trabalhos, e desejos. O celebre Geografo Rener, aproveitando todos os materiaes estatisticos que existião antes delle, apurou-os, e ajustou-os na sua preciosa Colecção de Cartas desde 1790 até 1800, mas espraiou-se largamente no que toca a algumas partes Septentrionaes da Africa, e pouco ou nada no que respeita ás Orientaes.

Acontece outro tanto com as viagens de Bronne, que nimiamente apaixonado pelos costumes Orientaes, escreveo muito delles, e mui pouco das outras partes da Geografia, se bem que bastante a enriqueceo verificando exactamente as origens do Nilo, e a quase certeza de muitas Cartas de Ptolomeo.

Todavia as novas descobertas sustentadas na opinião deste celebre Geografo da antiguidade desbastão as difficuldades na parte

Septentrional de metade desta vastissima região, até ao ponto central do Reino do Congo, correndo do Nord-Este ao Sud-Oeste por entre as montanhas de Humri, e as que se estendem para o Sul da Abyscinia até á Costa de Ajan na ribeira Oriental; mas o Sertão desta parte de tamanho Continente, que merece mais a curiosidade e investigação dos Sabios existe ainda hoje quase na mesma escuridade.

Se a Geografia Africana de Ptolomeo, he tão diminuta na parte Oriental, não he menos a dos Geografos Arabicos. Edrisi o mais nomeado entre elles, escreveo na Sicilia no duodecimo seculo, e das muitas Cidades de que faz menção poucas ha que não andem copiadas nas Cartas modernas: de todas ellas não se conhece hoje huma só; o que he argumento da pouca fé que merecem as Cartas geograficas dos Sertões Africanos.

Se na Asia os aridos desertos de Cobi e de Chamo, com as intrataveis montanhas do Tibet tem embargado o progresso das descobertas; da mesma sorte tem acontecido na Africa, aonde as montanhas não tem menos altura, nem são menos agrestes os matos, menos expessas as florestas, menos asperas as Serranias, menos despenhados os Rios; aonde ha mais Castas de animaes ferozes, e aonde os homens, como se fossem animaes de diversa especie, andão em aturada guerrra, e porfiada matança. Seria bem util para os naturaes do Paiz que, á semelhança do que succedeo na Asia e na Europa, viessem victoriosos exercitos fundar ali grandes Imperios, e que á custa de momentaneos desastres gran-

geassem os beneficios do Commercio, e as vantagens da Civilisação.

Entre todos os Geografos, o que melhor nos encaminha nas cousas da Africa Oriental he Mr. d'Anvile, cuja Carta Geografica alevantada ha meio seculo enserra o que até hoje sabemos deste territorio com alguma certeza. Por máo fado das Artes e das Sciencias o Continente menos conhecido cahio em poder dos Portuguezes tamanhos em heroismo, tão pequenos em industria, e em geral menos cobiçosos de se instruirem que qualquer outra nação da Europa.

D'Anvile marcou exactamente nas suas Cartas alguns pontos caracteristicos desta parte do mundo: a saber. A Cordilheira de montanhas que atravessa esta parte da Africa, Norte-Sul. A Lagoa maravi, a que elle dá mais de trezentas milhas de comprimento e igual largura. O Rio Barbela no Reino de Congo, e o Zambezi na Macaranga. São exactas as dimensões que elle assegura da distancia das Cataractas deste Rio; e a noticia dos Nubos que de mistura com os Zimbas, e os Jacas jazem ao Norte alimentando-se de carne humana, devastando a mor parte da Africa meridional.

Na mingoa de Escriptores naturaes e estrangeiros, á vista dos erros de qne andão fartos seus escriptos geograficos, a lição delles não he suficiente soccorro para trabalhar com segurança em tão ardua tarefa.

Cumpre todavia não dar de mão a estes mesmos Escriptores, bom he consulta-los, conferi-los, e valer delles. Assim o fiz ajudando-me não só do que elles escrevêrão, mas

da tradição que de tempos antiquissimos anda nos naturaes da terra accrescentando as noticias, que, sem poupar exame, e com soccorro de pessoas experimentadas, pude adquirir de novo para rastrear a origem, e notar o progresso e estado actual dos Dominios Portuguezes nesta parte da Africa Oriental dando-me a este trabalho nas horas que me perdoavão os cuidados do Governo.

Moveo-me a isto não já vaidade de escrever; mas ser obrigado extraordinariamente em rasão de officio, e haver por bom acerto recolher apontamentos que talvez ainda venhão a ser proveitosos. Verdade he que, para assentar segura doutrina, cumpria vêr por meus olhos, apalpar as cousas que escrevesse; eu vi pelos alheios, ajuntando escassas noticias, e essas mesmas confusas e desconcertadas que he o mais que se pode alcançar conversando povos quasi barbaros, e tão outros do que nós somos em linguagem, usos, e costumes; quando releva tratar semelhantes assumptos fundamentalmente com perfeita consideração, estudadas as materias, e desbastadas as difficuldades.

Cuidei que revolvendo os archivos da Camera, e o Cartorio do Governo, acharia cabedal estatistico de que me podesse ajudar, e com effeito achei bastante para o despresar como moeda falça, não já como dinheiro de lei, e de que devesse fazer uso. Descobri que os Ministerios passados, tinhão apostado entre si, a qual havia cahir em maiores erros politicos e administrativos. A ignorancia, a presumpção, e o capricho de alguns Ministros, que lhes he mais facil porfiarem no erro, que

darem o braço a torcer tomando conselho de quem sabe; apoiarem o credito do Ministerio na mentirosa opinião da Clientela, que os rodea, no aparatoso explendor do Cargo, na falça idéa de que possui-lo he o mesmo que merecê-lo, na dependencia e na adulação dos Candidatos e apanigoados; em vez de se fortalecerem com os conselhos de Varões doutos e exprimentados, amantes do bem público, limpos de toda a casta de paixões e venalidade; não lhes antepondo o parecer de idiotas presumpçosos, que lhes falão a geito, e incensão a vaidade: tudo isto foi parte para o atrazamento em que andão todas as nossas cousas Ultramarinas.

Em vez de encontrar n'aquelles archivos hum complexó de Leis e Ordenanças adequadas á localidade, indole, e caracter daquelles Povos; que regulassem as acções e os direitos dos Colonos, e dos naturaes do Paiz; que os illustrasse, e lhes marcasse o gráo de civilisação conveniente segundo sua condição; que auxiliassem e promovessem a agricultura, as artes, e o commercio; que regulassem a desmedida authoridade dos Senhores, e a obediencia dos escravos; em summa leis, e regras de sabedoria que estreitassem todos os vinculos das Colonias com a Metropole, só encontrei diplomas confirmativos de que soubemos conquistar, e não soubemos manter a conquista; que soubemos colher as palmas do triunfo, e não as vantagens que elle nos offerecia. Não soubemos Colonisar. Houvemos que cumpria fazê-lo com facinorosos degradados, e em vez de os convertermos em agricultores das terras conquistadas, fizemo-los

Soldados de Presidios para tiranizarem os naturaes do Paiz. Aproveitei pois do exame d'aquelles Archivos, o que poderia convir de futuro a beneficio destes nossos Dominios, argumentando na rasão inversa do que ali, pela maior parte, se acha determinado e estabelecido.

Mui pouco me fundia o trabalho como escrevesse sem me escorar; mas nem por isso esmoreci: armei-me de constancia contra as difficuldades, e se não desempenhei com obra bem ordenada e correcta, como cumpria, dei mostras que as horas que me vagavão não corrêrão totalmente perdidas.

Quiz estreitar-me dentro dos limites dos Dominios Portuguezes, endireitando desde o Rio do Espirito Santo, ou Bahia de Lourenço Marques até ás Ilhas de Cabo Delgado; mas houve por mais bem considerado dar huma descripção do Cabo da Boa-Esperança, e alargar-me desde a terra dos Finnos, cujas extrêmas entestão com terras da Corôa Portugueza, como sejão os Regulos que as dominão, huns visinhos e amigos nossos com quem temos Commercio; outros inimigos atraiçoados ou descobertos de que convem acautelar.

Alem disto ha por aquelles descampados muitas terras fructiferas, muitas e diversas drogas de valor, muita variedade de pedras preciosas, ouro, e marfim, de que tudo fazem grangearia aquelles Cafres, os quaes resgatavão com os Portuguezes em outro tempo, trazendo grande copia de riquezas em retorno das diversas sortes de quincalharias que lhes lá levavão.

Na mingua de generos Commerciaes pe-

culiariamente nossos a que estamos reduzidos, e na quebra que houve em Moçambique acabado o Tracto da Escravatura talvez que seja força lançar outra vez mão daquelle esquecido Commercio dando-lhe nova vida, o que será parte para a ganharem os que se quizerem aventurar, redundando tudo em proveito seu, e grande augmento das rendas do Estado.

A Costa d'Africa Oriental he riquissima: quanto possui-mos ao longo della desde Cabo das Correntes até ás Ilhas de Querimba se he terreno estreito em algumas partes, em outras he vastissimo territorio, e abundantissimo de tudo. Se quizermos pouco custará alargar-lhe os limites a nosso alvedrio: cifra-se em marcharmos pelo Sertão dentro de mão armada; porque he o mesmo entrar assim por elle que fugirem os Cafres, e deixarem-nos o Campo livre; mas fariamos rematada loucura se tal pozessemos em obra. Facil he conquistar, e deficultoso manter a conquista. De que nos servião Campinas e montanhas, ermas e despovoadas? A conquista dos Cafres não deve ser feita com ferro e fôgo, senão com brandura; captivando-os com dadivas, e macias praticas; sendo a amisade, o bom trato, a boa fé as unicas e proprias armas que convém arremeçar contra elles, para os vencer e dominar. Posto que os Cafres, de seu natural, não sejão inclinados ao bem, tudo se acaba com elles, animando-os, e presenteando os; como conheção que ha força e proposito de os castigar sendo necessario. Nesta parte são todos da mesma feição.

Quando começámos a navegar de Cabos

a dentro; porque erão grandes os interesses que tirávamos da navegação, fômos assentando Feitorias ao longo da Costa, aonde recolhiamos as mercadorias de resgate, que depois se espalhávão pelo Sertão dentro. Mas nenhum Commercio nos montáva tanto como o das terras do Brasil, e por elle deixámos os ganhos, que nos offerecião as terras Africanas. Melhor clima, terreno menos aspero, mais fertil, menos doentio, mais vesinho ao Reino, os mesmos generos de Commercio tudo convidava, e redundou em irmos buscar fortuna ao novo mundo, abrindo mão do antigo. Foi ella em tamanho crescimento que Portugal chegou a estar massiço de riqueza, estendidos os proveitos a todos com a grossura dos assucares e mais producções do Brasil, que não havia esgota-los pelos muitos que entrávão pelas Barras dentro.

Deixamos na infancia o Commercio da Africa Oriental; perdemos todo o que faziamos na Asia, e de exclusivos possuidores chegámos a se não fazer de nós o mais pequeno cabedal. Naquelle tempo as Náus Portuguezas lavravão os mares vaidosas e assoberbadas desde o Oceano Ocidental até ás derradeiras praias do Oriente: voltávão ao Tejo pejadas de riquissimos thesouros: os capitáes, os armadores, os navios, a marinhagem tudo era nosso.

Volvidos hoje ao mesmo estado em que nos achavamos quando descobrimos o Brasil, que outros recursos temos de que lançar mão, quando não seja restaurarmos o perdido, atando o fio do Commercio, que quebramos por aquella rasão? Engolfados nos lucros grangea-

dos com menos trabalho e despeza, não semeámos para colher, se por ventura mudassem os tempos. Mudárão com effeito, sem que de antemão (tantos e tamanhos forão os descuidos e desconcertos) estivessemos apercebidos, e já dispostas as cousas, e applicados os remedios de que nos podiamos valer.

Contar com a perda do Brasil era antever de bom entendimento, ainda sem consumada politica: e cedo, ou tarde que isto acontecesse ficava o Reino em apertadas circumstancias. Não haviamos agricultura, manufacturas ainda menos, artes nenhumas, pequeno Commercio, escassa navegação, nada em reserva; tudo se havia deixado ir a esmo, sem prumo nem medida em toda a sorte de administração, e pode ser que perdidas ás vezes as occasiões que tinhamos entre mãos para bons effeitos. Em tal caso, tenho que era mui lucroso aproveitar os Dominios Africanos, tomando forças do mesmo apêrto de circumstancias, na certeza que elles são capazes de nos ressarcir de grande parte do que perdemos pela separação do Brasil.

Certo he que nesta idade avara e cobiçosa, em que os homens querem viver vida regalada, poucos haverá que a exponhão aos perigos da terra, e ás tempestades dos mares para grangearem com o suor do seu rosto o que até agora com pouca fadiga lhes entrava por casa; mas compete ao Governo atrahilos, instando, persuadindo, ajudando-os, protegendo-os: obrigado he a isso sem reserva nem excepção de privilegios, graças, indultos, e quaesquer outros auxilios que para este fim haja por bem conceder, e authorisar.

O Grande Afonso de Albuquerque, o terror dos Malaios e do Hidalcão, talhou com mão de mestre quando escolheo Moçambique para interposto do Commercio da Europa com a Asia, e formou de Goa o centro de todas as especulações mercantís destas duas partes do Globo. Mas errou em se não apossar do Cabo da Boa-Esperança, passando ávante sem ao menos sondar aquelles mares, e apalpar aquelle territorio; erro em que tambem cahirão os Inglezes, e de que depois os Holandezes souberão aproveitar-se.

Se Afonso de Albuquerque, unio as virtudes civicas aos louros marciaes, a mór parte de seus Successores desdicérão delle, já por ignorancia, já por systema combinado com os Ministros da Côrte com quem se bandeavão, já por sordidos, e pecuniosos interesses.

Quando pela occupação dos Filippes nos levárão os Holandezes, a gloria, e grande parte das Conquistas Ultramarinas, deixárão-nos ainda muitos recursos para chamarmos á Metropole grande copia de riquezas em bruto que andão esperdiçadas por aquellas terras.

Se perdemos quasi todas as posseções Indianas, ainda conservamos acima de quatro mil legoas quadradas de territorio na Africa Oriental, de donde derivão aquellas riquezas. Ainda possuimos na Africa Occidental as Ilhas de Porto Santo e Madeira riquissimas em povoação, em Commercio, em deliciosos vinhos, em fructos de toda a sorte. Seguindo a Costa para a parte do Sul temos as dez ilhas de Cabo-Verde, fertilissimas em agricultura. Mais ávante temos o Castello de S. Jorge a que vulgarmente chamamos a Costa da Mina.

Debaixo da linha equinocial jaz a Ilha de S. Thomé, e dois gráos ao Sul a Ilha do Principe, ambas nossas, com a de Fernão Páo, Arda, Ocre, Calabar, todas ellas pouco afastadas da Costa de Guiné, e na do Reino do Congo possuimos Angola, Novo Redondo, e Benguella á beira mar; com varias Fortalezas pelo Sertão dentro, que nos evitão as siladas dos negros, e nos protegem a navegação dos rios Bengo, Dande, e Cuenza, sem a qual os habitantes de Loanda morrerião de fome.

Dobrando o Cabo da Boa-Esperança que manancial de riquezas offerecem os terrenos banhados pela Bahia de Lourenço Marques, e pelos quatro rios de que ella he formada? Nesta paragem todas as Campinas são fertilissimas, aqui ha tudo que se necessita para viver bem, e Commerciar ricamente; a Natureza he aqui tão liberal, quanto a arte tem sido mesquinha. O torrão produz quasi todas as plantas hortenses, e muitas medicinaes. O Ceo he povoado de muitas aves uteis, e agradaveis. O mar abunda em bom pescado e em baleas cuja pescaria redunda, por nosso desleixo, em proveito dos Holandezes, Americanos, e Inglezes; marfim, ambar, cêra, e muitas outras substancias de Commercio, não as ha melhores em todas aquellas terras, e mais haverá, quando se derem ao trabalho de as cultivar.

Esta Bahia he instancia segurissima de todos os ventos, e capaz de grande numero de Navios, que, entrando dentro, estão amparados dos temporaes e travecias, que reinão pela boca do Canal. Toda ella he de muito fundo, e a mais limpa de toda a Costa até

Cabo-Delgado. Mas que importa havermos ali este manancial de riquezas em bruto, em quanto se não cuidar em as fazer proveitosas? Excellentes ordens deo o Ministerio do Marquez de Pombal a este respeito; mas foi tempo e trabalho perdido; porque nenhuma se executou, e algumas forão posteriormente derrogadas, em atenção a particulares interesses.

Segue-se a Villa de Inhambane, cujo terreno emparelha com o da Bahia de Lourenço Marques, na fertilidade dos fructos, e lhe leva muita vantagem nos artigos de Commercio, fornecidos pelo Sertão, que he por esta parte mais maciço de riquezas. Os Campos abundão em toda a sorte de mantimentos, assim dos agricultados, como dos que a terra brota espontaneamente. A Natureza encheo estas terras de quanto he necessario para viver. Gados, aves, pescados ha muitos e de mui diversas castas, e todos mui deliciosos. Mantimentos não haveria esgota-los, se cultivassem a terra sem se darem ao ocio como por indole, e costume praticão. Os rios são muitos e de boas agoas, os bosques são de fresquissimo arvoredo e de excellente madeira de construcção, huns delles parrados, que aformozeão os Valles, os outros de arvores tão altas, corpulentas, e travadas, que nem o sol as rompe, nem as abalão as tempestades. Valles, montes, rios, tudo he farto e pingue de riquezas. Todas as plantas que se horteão na Europa, todos os grãos, todos os legumes dão-se aqui prodigiozamente, e medrão a olhos vistos quasi sem amanho. São aqui indigenas as frutas do Brasil, como em quasi toda a Costa da Africa Oriental; porem mais gentis

na feição, e mais refinadas no sabor. Das plantas medicinaes ha muitas e varias especies camomila, tamarindos, hypicacuanha, salva, poejos, losna, meimendros, e outras muitas. Das que servem aos usos da vida, e dão materia ao Commercio, ha tambem de muitas quallidades, cocos, algodão, café, mandioca, cana de assucar, cana-fistula, nicociana, e as mais que vingão em clima deste temperamento. A nicociana emparelha com a da Virginia; e se fosse bem cultivada, tornava-se mercadoria de bastante preço.

Se a terra he fertil no que brota de si, não o he menos nos animaes que contem e alimenta. Ha pela terra dentro muitos Elefantes, Vacas bravas, Javalis, Carneiros e Cabras do monte. Ha grande copia de aves, tanto das que se monteão como de creação de portas a dentro. Ha muito gado domestico, e o pasto para elle he bom, e em muita abundancia. Das producções que dão materia ao Commercio, ha marfim, ambar, cobre, cêra, mel de abelhas, e huma especie de cebo a que chamão mafurra, extrahido de huma arvore, com o qual dão crena ás embarcações como se faz com o breo.

Que utillidade darião estes terrenos tão favorecidos da natureza, se á sua liberalidade se ajuntassem, não digo já os primores da arte, e da verdadeira policia; mas ao menos aquelle cuidado, e concerto, que cada hum põe em seus cabedaes para que se lhe não fundão.

A este respeito nem se tem considerado, nem feito coisa boa que tenha medrado, vindo a redundar tudo em nosso desproveito, por haver sempre de mistura cobiça, ambição, pre-

potencia, companheiras inseparaveis dos que, por estas partes do Oriente, regem e administrão as coisas publicas. La vai a fazenda sem resguardo, o povo sem guarida, não faltão pretextos para opprimir, roubar, e até matar; não faltão rasões, que authorisem estes maleficios: ajustão-se as contas, he tudo limpeza e desinteresse: não ha coisa que as riquezas não concertem, e não justefiquem.

Segue-se a Villa de Sofala que he o ponto que tem melhor disposição para o Commercio e para a agricultura, e he deste dilatadissimo territorio, que nos podemos chamar verdadeiros proprietarios. Entretanto he a povoação que mais tem decahido, sendo a que em nossos gloriosos tempos floreava entre todas as da Capitania de Moçambique como cabeça dellas. He desta Villa, outr'hora Reino, que tanto fabulou a antiguidade, e foi ali que Vasco da Gama encontrou os primeiros Arabios, e o primeiro Rei de todas aquellas partes do Oriente.

O Reino de Quitêve, que pega com Sofala, e se estende até Xingamira são montanhas de oiro, que se encontra á flôr da terra, e se colhe sem trabalhos de mineração. Todo elle pode vir ter a Sofala, e a Rios de Sena, em retorno de bem insignificantes quinquilharias.

Entre Quitêve, Quissanga, e Xingamira jaz o Sertão de Sofala dividido em Prasos da Coroa Portugueza, adquiridos por diversos titulos, e muitos delles despovoados, e abandonados por differentes motivos. Forão parte para esta despovoação, e abandono, assim os erros do Governo pela má Legislação a este

respeito, como pela má divisão dos terrenos, pelos emcabeçamentos em emphyteutas que nem sabião, nem tinhão meio de bem agricultar, e mais que tudo pela ambição dos agricultores, que, reputando como Captivos os Colonos Servos adescripticios do terreno, fizerão delles grangearia, e os vendêrão para o Brasil. Outros fugirão para os Regulos vesinhos, para se forrarem a este Captiveiro.

Neste territorio he tudo fertilidade nos tres Reinos da Natureza, estremando-se o vegetal pela abundancia de arvores da melhor madeira de construcção; tanto pelo compacto da superficie, como pela grossura, e grandeza dos troncos. O Bucho cuja raiz he tão ondeada, e coberta de veios que atira para o nosso marmore, e a altura e corpulencia do tronco excede a dos Carvalhos, e Sobreiros. O Páo-ferro cuja arvore tem a mesma altura, e corpulencia, e he tão rija como o metal de que tira o nome, e serve para os mesmos misteres, assim no amanho dos Campos, como no exercicio da guerra. Entre as muitas e variadas arvores esbeltão-se o Cedro, e o Ebano que não dão vantagem aos do monte Libano, principalmente o Ebano, que se extrema na grandeza, no compacto, no assetinado, e no fechado da côr. He tanta a copia que ha destas arvores em todo o Sertão, que se estende de Sofala até Rios de Sena, que em pequenas distancias ha dellas tão grandes, e espessos bosques como os nossos mais cerrados pinhaes. Ha tambem em todo este terreno huma especie de Sandalo Silvestre que he tão cheiroso, e balsamico como o Sandalo Asiatico, e cultivado.

Os Cafres de Sofala são dados ao trabalho, e muito industriosos; ninguem melhor que elles sabe mergulhar para ir colher as perolas, e os aljofares no fundo do parcel: são elles que melhor alimpão o oiro, e manipúlão com mais destreza a sua colheita; são bons fundidores de cobre e de ferro, de que fabricão manilhas e instrumentos ruraes, de outra feição, e geito differente dos nossos, e filhos de sua invenção. Fazem diversas obras de marfim, assim para usos domesticos, como pontas de flexas que jogão na guerra, amolecendo o marfim por hum modo desconhecido na Europa.

A Agricultura, as Artes, o Commercio, encontrão materias primas em todo este territorio. O torrão he fertilissimo em todas as producções espontaneas e cultivadas; os animaes servem de alimento, ajudão o trabalho dos Colonos, e dão-lhes lucro pelo marfim, e variedade das pelles, assim como as aves pela riqueza das pennas; as minas dão oiro e pedras preciosas, o mar produz perolas e aljofares, e tem sido tamanho nosso desleixo, que nunca tratámos de fazer grangearia de tantas riquezas com que o Ceo nos favoreceo por todos estes nossos Dominios. Os favores são muitos, e nenhum recolhido, nenhum aproveitado.

Quelimane que pega com Sofala, he de grande importancia, por sua localidade maritima, para o Commercio de Rios de Sena; por ser o unico Porto aonde desembarcão as fazendas que pelo Rio Zambeze lá vão ter, e aonde embarcão para Moçambique os retornos que de lá vem. Os terrenos que jazem

entre os dois braços deste Rio quazi que não differenceão entre si na fertilidade, e riqueza de todos os productos naturaes, assim como na indole e costumes dos Cafres. Quelimane, que he Porto azado para o Commercio por sua localidade, não pode todavia Commerciar sobre si; para o fazer ao longo da Costa, não tem nenhum outro Porto aonde descarregue, nem diversidade de generos que permute, nem povos com quem negocêe; se pelo Sertão dentro he todo elle nosso até Rios de Sena igualmente fertil, e abundoso nas mesmas producções; e por isto só pode ser, como he, hum interposto para os generos da Asia, e da Europa, que por esta via vão espalhar-se pelo Sertão dentro. São estes generos remettidos de Moçambique para Quelimane, e d'aqui enviados para Sena em monção propria pelo Rio acima, e na competente, rio abaixo, vem o retorno a Quelimane para ir em direitura a Moçambique.

Releva conhecer quaes devem ser as remessas, como, e quando cumpre expedi-las, com que Regulos convem negociar. Este Commercio tem hum processo peculiar, e fugir delle he perda certa, sem haver modo de a restaurar. Os Europeos resgatão, Sertão dentro pelo meneio, e intervenção de praticos do paiz, que o são igualmente nas artes de illudir e roubar, sem se poderem haver á mão nem para ressarcirem o damno, nem para sofrerem o castigo do furto. Ha muitos modos de extraviar os direitos da Coroa, que bastantes vezes he roubada, nos proprios artigos que remette por sua conta, por maior que seja a vigilancia e cautella. Tudo isto

convem saber, e tudo isto se ignora. Este Commercio pode florecer sabendo os Commerciantes os generos que mais valem, e aonde tem melhor sahida. Os generos podem concorrer a Quelimane, sabendo-se attrahir os Cafres, que ali os virão trazer como outr'hora praticávão, sem que as fazendas vão pelo Sertão dentro, expostas á cobiça dos Regulos, se escápão ás dos Conductores. Os direitos da Coroa podem ser bem arrecadados, sem vingarem os arteficios que usão os exactores. Mas so podem colher-se estes bons effeitos, quando a sabedoria e a boa fé presidirem aos Conselhos, não já a presumpção, a ignorancia, e o interesse, como até agora foi estilo, e queira Deos que não continue.

A Capitania de Rios de Sena, pela estensão de seu territorio, pelas riquezas que em si encerra, por sua localidade central, pelos Potentados que a cercão, e por sua visinhança com o Imperio do Monomotapa; he o paiz da maior importancia, e da maior riqueza, he o tronco de todas nossas Possessões nesta parte do Globo, dependendo absolutamente da Ilha de Moçambique, sem cuja dependencia ficaria corpo acephalo sem nenhuma vitalidade.

A Capitania de Sena, e seu immenso territorio, jaz no centro do Sertão, entre quinze e vinte graos de latitude meridional, e quarenta e seis, e cincoenta e seis de longitude contada do meridiano da Ilha de Ferro. Estende-se quinhentas e setenta e cinco legoas do nascente ao poente, tirando desde a Costa, até as terras de Chicova; e Norte Sul, como o territorio, ora se aperte, sendo-lhe

limite, ao norte, o Rio Zambeze, ora se alargue transpondo-o da outra banda pelas terras dos Cafres Maraves, não se pode ao certo, determinar-lhe a largura, posto que a bom aviso pode montar todo o territorio a quatro mil legoas quadradas. Pelo nascente põe-lhe termo o Occeano Atlantico na distancia de sessenta legoas; pelo sul pega com as terras de Sofala, e vem descorrendo pelos Rios do Quitêve, e Barné, continuando pelas terras do Imperio do Monomotapa até ao Rio Zambeze da parte do Sueste, e Oeste nas visinhanças de Chicova: ao Norte fica-lhe o destricto de Quelimane, e o que occupão os Cafres Bororos até vesinhar com a Serra Morombala, de donde vai seguindo até ás fraldas das montanhas de Lupata, sendo-lhe limite as aguas do Zambeze. As terras que ficão ao norte dellas pertencem aos Regulos Maraves. Desde a embocadura deste Rio por toda a Cordilheira dos montes de Lupata, até quasi entestar com Chicova, jazem as terras da Coroa Portugueza estendidas por huma, e outra parte do Rio, divididas quasi todas em Prasos, com os mesmos erros, e vicios que ha nos de Sofala.

Esta Capitania tem duas Villas, a de Sena sessenta legoas distante da Villa de Quelimane, e a da Tete, sessenta legoas adiante da Villa de Sena, com mais duas pequenas Feitorias a saber Zumbo, e Manica, aonde não ha ainda muito tempo concorrião annualmente os Cafres do Sertão, e os Mercadores de Sena e Tete, por si, e como commissionados das Casas de Commercio de Moçambique, e ali permutávão reciprocamente os generos da

Europa, e os do interior das terras Africanas, com vantajoso lucro dos particulares, grande acrescimo das rendas publicas; e pouco a pouco se hião os Cafres civilisando. Estas Feitorias estão hoje desertas, e só conservão o nome; porque máos e ambiciosos conselhos, se he que não forão dadivas grandiosas, sacrificárão o bem público, aos interesses de monopolios particulares.

A Villa de Sena, que ora se intitula de S. Marçal, foi em tempos antigos muito povoada, ora está de todo deserta e abandonada; sobra dizer que fòra o Celeiro commum de todas as nossas terras da Africa Oriental. Era riquissima nas producções vegetaes, animaes, e mineraes, de que se fazia grangearia de Commercio, e pelo interposto de Moçambique, hião ter a terras de ambos os hemispherios, e hoje por falta de braços he tão esteril, tão mesquinha, e reduzio-se a tal mingoa, que tudo lhe vai de fóra.

Ha nesta Villa quatro Igrejas, a Sé que fôra, e ainda he Matriz da Invocação de Nossa Senhora da Assumpção, a de S. Salvador que era dos Jesuitas que ali tinhão Hospicio, a de Nossa Senhora do Rosario que pertence á Ordem de S. Domingos, e que já fora Casa Conventual. Fóra do povoado fica a Ermida de Nossa Senhora dos Remedios, cuja administração pertence aos Religiosos da mesma Ordem. Estas reliquias que ainda se conservão, são argumento de que outr'hora fôra esta Villa mui populosa, e frequentada.

A população de todo o territorio de Rios de Sena devide-se em tres Castas, a saber, brancos, e mestiços baptisados; cafres escra-

vos de ambos os sexos, e de todas as idades; negros forros, servos adescripticios das terras. Ainda no anno de 1806 contavão-se da primeira Casta em ambos os sexos, de maior e menor idade quinhentas e duas pessoas. A segunda e terceira Casta comprehendia dez mil novecentos e sessenta escravos presentes, dez mil oitocentos sessenta e sete ausentes que fazem ao todo vinte hum mil oitocentos e vinte e sete individuos, o menor numero delles escravos, e a mór parte negros forros cultivadores. Ainda então existião dezaseis familias poderosas na Villa de Tete, e actualmente cifra-se toda a população em vinte e cinco pessoas livres na Villa de Sena, e quarenta e oito na de Tete; escravos bastantes, servos adescripticios alguns; mas rebèlados huns e outros, pelas demazias, violencias, e tyranias de toda a sorte praticadas pelos dois ultimos Governadores hum de Rios de Sena, e outro de Moçambique, que os máos fados daquelles povos levárão ali no Governo passado para os flagelarem.

Já fallei dos Prasos de Sofala, e de Rios de Sena, notando erros e defeitos; mas cumpre alargar mais em similhante assumpto, por que estes Prasos abrangem quasi todo o territorio desta Capitania, incluindo as terras de Quelimane. Cada hum destes he considerado como hum districto sobre si, povoado de aldêas, e servos adescripticios que vivem debaixo da obediencia de hum maioral chamado = Fumó = que he como Juiz arbitro em suas differenças, elle as compõe, elle os castiga, e os governa com sugeição ao Capitão mór dos Rios, e recurso para as Justiças e

Governo de Sena, e apellação para o Ouvidor de Moçambique, ou para a Junta da Fazenda, ou para o Governador conforme a qualidade do Caso.

Todo o terreno aonde estão constituidos os Prasos veio á Coroa por concepções e conquistas, e poucas terras ahi ha que sejão propriedade aludial, e lhe não pertença. Forão estas terras encabeçadas com proposito de augmentar as familias livres, ajudando-as com patrimonio, e domicilio. São estes prasos de livre nomeação para andarem sempre em filhas com obrigação de casarem com Portuguezes nascidos no Reino, e com a condição de melhorarem as terras, e residirem n'ellas, pena de Comisso. Os filhos Varões são excluidos da successão, em quanto ha femeas; porque o fim de se constituirem estes Prasos, foi prender os naturaes do Reino, e os da Africa, e Asia por alianças, e vinculos de sangue. Concedem-se os encabeçamentos em tres vidas, com prestação estipulada, e o possuidor da primeira, pode, não tendo successão, nomear a segunda a seu alvedrio, e este a terceira, guardada sempre a preferencia das femeas.

O Praso de maior extensão, e fertilidade he o do Loabo, que hoje anda na Coroa, seguem-se os que fôrão dos Jesuitas, e se encorporárão nella por confisco. Aos prasos antigos anexárão-se mais treze por conquistas feitas no anno de 1804 e 1807. Os doze conquistados em 1804 erão os Estados da Rainha Sazora no paiz dos Cafres Maraves ao Norte do Rio Zambeze, a qual Rainha força foi castiga-la desapossando-a de tudo para acabar

com as hostilidades que nos fazia, e com o asilo que dava a todos os escravos e malfeitores fugidos. O outro Praso que foi conquistado em 1807 era parte dos Estados do Regulo Bivé tambem Marave, e as mesmas rasões motivárão esta segunda conquista. As terras destes treze Prasos, são as mais ricas de quantas ha por todos aquelles Sertões, muitas dellas tem oiro do mais subido quilate, e são copiosissimas em minas de ferro.

Existem no tempo de agora ao todo cem Prasos destribuidos pela maneira seguinte. No destricto da Villa de Tete cincoenta e quatro, no da Villa de Sena trinta e hum, no de Quelimane quinze, que todos juntos rendem para a Coroa annualmente mil duzentos e sete maticaes de oiro, que vem a ser mil quinhentas e quarenta oitavas pelo valor medio de dezassete cruzados cada matical, reputando o cruzado a cento e sessenta réis, o que tudo faz a somma de tres contos duzentos oitenta e seis mil duzentos e quarenta réis. Eis o proveito que tira a Coroa de Portugal de quatro mil legoas de territorio, que o não ha em toda a Africa Oriental nem mais fertil, nem mais macisso de riquezas; quando podia com pouco trabalho tornar-se florescente e proveitoso todo este immenso territorio, trazendo para o Reino tamanhas riquezas, sem nos dar que sentir a separação do Brasil.

He abençoado nos productos de agricultura todo o terreno que abrange ás tres Villas de Quelimane, Sena, e Tete com suas dependencias, hortaliças, legumes, flores, de tudo ha muito, mui bom, e mui variado. Por toda a parte nasce o algodão, que o não ha melhor

em nenhuma outra, vem á flôr da terra, ou por si mesmo, ou semeado, não ha Colono que o não cultive e manufacture por todos os modos, em rama, em linhas, e em tecidos de pannos groceiros com que se vestem; mas a gente branca deixa aos Cafres este ramo de industria, e não cultiva delle huma fibra que seja. O Café e o Anil, são igualmente plantas indigenas, de que ninguem faz caso, nem o sabem cultivar nem grangear, o anil principalmente, topando-se por toda a parte, havendo searas delle, que parecem semeadas com arte, e não sendo este arbusto, sugeito aos contratempos a que he o da America. Em todas as tres Villas he grande a cultura do Arrôz, e do Tabaco. Mandioca ha muita, similhando em tudo com a do Brasil; mas despresada a cultura, quando pela pobreza de agoas nativas, e faltando as do Ceo, ás vezes dois annos, vem a ser este hum alimento indispensavel para brancos, e negros.

Os homens brancos dão-se unicamente á cultura do trigo, de que em outro tempo fazião tanta grangearia, que sobejava muito do consumo dos moradores, e vinhão as sobras abastecer toda a povoação de Moçambique, sem necessidade de lhe vir de fora como actualmente acontece, que o recebem de Goa, e das terras de Mascate, tanto para si como para com elle acudirem aquellas mesmas tres Villas outr'hora Celeiro commum de toda a Capitania

Na cultura do milho he que principalmente se empregão brancos e negros; ha delle de diversas Castas, algumas desconhecidas na Europa: legumes não os ha melhores, nem

de mais qualidades. Das plantas que se horteão, de todas ha mais formosas que as nossas, e algumas de mais delicado sabor. Das odoriferas ha mangerona, indro, manjaricão, alecrim. Das medicinaes ha losna, camomila, centaura maior e menor, fumaria, fragraria, canafistula, tamarindos, salsa-parrilha, arnica, fedegoso, calumba, euforbia, jalapa, ruibarbo, sene, e outras muitas que tambem se usão na tinturaria, e pintura. Das flores conhecidas na Europa, ha jasmins do Cabo, saudades, rosas de Alexandria mais pequenas e menos dobradas que as nossas, cravos similhantes aos de arrochela, e delles todos vermelhos, amarelos, e rajados, jasmins de Italia, bogarim mais cheiroso que o da America; perpetuas brancas, azues, e mescladas; angelicas, esponjas, amores perfeitos. Das indigenas, ha de muitas diversidades sem nome, nem classeficação, servindo só de matizarem os Campos alegrando a vista com a variedade das côres, e animando os sentidos com a suavidade do cheiro. Dás frutas ha uvas ferraes e brancas, romãas, laranjas, limas da Persia, melões mas quasi sem nenhum sabor, ainda que de muita fragrancia, melancias de avultada grandeza, mas no gosto ainda inferiores aos melões. Das frutas indigenas, ha de todas que se dão nos diversos climas do Brasil sem exceptuar huma só, sendo mui superiores as mangas, e os ananases.

Não he menor a riqueza dos Reinos Animal, e Mineral. Do primeiro alem de toda a casta de Aves domesticas e do monte, e de toda a especie de gados que servem para os trabalhos campestres, e para passar a vida

com fartura, ha dos outros que dão materia ao Commercio, e servem de alimento aos Cafres. Vem a ser o Cavallo Marinho, o Ellefante, o Rinoceronte, a Abada, o Tigre de cabelo mais azivichado, mais fino e mais cerrado, que o dos Tigres d'America. Abelhas são em tamanha copia, que em certos lugares, não ha tronco de arvore aonde se não encontrem ou abrigadas, ou fabricando; o mel he saborosissimo, a cêra optima, e em muita quantidade.

O Reino Mineral produz oiro em pó, que pela maior parte he minerado pelos vastissimos Sertões de Quitêve, Manica, Muzuzuro, Abutua, Mexongue, e Mano, por estarem esgotadas as nossas terras que outr'hora fòrão delle fertilissimas; mas que tudo vem a nosso poder, sabendo-o attrahir por via de bom Commercio. Não são poucas as minas de ferro no territorio de Tete; nos Sertões de Zumbo, Moizas, e Cazumbe ha muitas minas de Cobre, e em todas as terras da Coroa he tanta a quantidade de salitre, que se o soubessem aproveitar, não haveria esgota-lo. De tantas e tão ricas materias de Commercio, com facil exportação, pela abundancia dos Rios, e segurança de ancoradouros, não tira o Reino a minima utilidade.

Não só fômos sempre descuidados em applicar os meios para tirar lucro do local, dos tempos, e das circumstancias presentes, se não que em tudo temos tratado as coisas de nossos Dominios Ultramarinos como se fossem alheas.

O Commercio de Rios de Sena andou em seu começo por arrendamento, mas este sys-

tema por vezes variou, e veio a formar-se huma Companhia que durou pouco, creando-se em Goa huma Commissão de Fazenda unicamente para entender n'esta administração. Andando o anno de 1720 quando Governava o Estado da India o Conde da Ericeira, abolio esta Commissão, e ordenou que entendesse nesta administração o Governador de Moçambique, que então era D. Francisco de Alarcão Soto-Maior. (Neste tempo, ainda a Capitania de Moçambique fazia parte do Governo da India.) O que durou só dois annos, por mandar ElRei D. João 5.° restabelecer a Commissão que se concervou até ao anno de 1745 em que por novas Ordens Regias, passou a ser administrado pelo Concelho da Fazenda, até que por Carta Regia do Senhor D. João 6.°, ficou entendendo exclusivamente n'este ramo, com subordinação ao Erario, a Junta da Fazenda de Moçambique, na regra geral das outras Juntas de Fazenda nas respectivas Capitanias. Em tantas variações, nunca se atinou com o verdadeiro systema.

Tantas, e tamanhas vantagens que pode tirar o Commercio, augmentarão grandemente, quando se desbastem os obstaculos da navegação. Por todo este estendido e largo territorio, não ha estradas publicas, senão carriz de pé posto, muitos delles tortuosos e sem seguimento, antes caminho de feras, que de gente, os quaes vão acabar em ribeiras espaçosas, que os Cafres transpõe a nado, ou em rios despenhados, que he força que tornêem até toparem outra vareda trilhada. Nem por similhantes sitios tão ermos, e intrataveis, se podem abrir e conservar estradas, havendo

alem disto a maior mingua de animaes de carga para as conducções. O Commercio dos Sertões he feito por Cafres carregadores, que se valem do grande espaço em que o Rio Zambeze dá váu com agua pelos joelhos, e o principal artigo de retorno, á excepção do marfim e Abada, he o oiro que contem grande valor em pequeno volume; mas porque se não cifrão as mercancias resgatadas unicamente n'este metal, claro fica de quanto proveito vem a ser a navegação.

Contando da Villa de Quelimane até aos Sertões de Zumbo por espaço de trezentas legoas he navegavel em todo o anno o Rio Zambeze como se derrubem os rochedos que tolhem a passagem no sitio da Cabrabaça, entre Chicova e a Villa de Tete, e alimpem as arêas que seis mezes no anno intupem o braço esquerdo d'aquelle Rio trinta legoas acima de Quelimane, aonde só he navegavel nas grossas invernadas, correndo nos outros seis mezes pelo braço direito, até desagoar no Occeano pela Barra de Olinda. Mas estes dois braços podem communicar-se facilmente, encanando-se na distancia de meia legoa ao muito, as diversas ribeiras com que a natureza prende aquelles dois braços, cujas agoas vem do Rio Mahindo, e que somente se navegão em pequenas embarcações nas enchentes das marés.

Varios outros Rios despejão no Zambeze todos elles fartos de agoa, navegaveis em todas as estações do anno, torneando com suas agoas as muitas aldêas do Sertão (os Cafres em quanto podem estanceão á borda d'agoa) sendo desta arte menos despendioso o Com-

mercio, e mais facil a navegação. Aquelles Rios vem a ser, o Ravugo que nasce ao Norte de Zambeze nas terras dos Maraves, e morre meia legoa abaixo da Villa de Tete; o Rio Aroanha, que atraveçando pelo Monomotapa entra pelo lado do Sul na margem direita do mesmo Zambeze, entre esta Villa e huma garganta dos montes de Lupata; o Rio Chiri, cuja origem se ignora, o qual depois de regar as terras dos Cafres Maraves despeja na margem esquerda do Zambeze no sitio de Murambala, entre as Villas de Sena e Quelimane. Não sei que haja territorio mais favorecido pela natureza, que não só lhe dá tantas, e tamanhas riquezas, senão que ao mesmo tempo, lhe facilita os meios mais promptos de as fazer proveitosas.

Foi politica por muito tempo não deixar medrar as colonias conservadas em captiveiro, tolhendo-lhes todos os meios de se enriquecerem, de que vinha grandissimo detrimento ás Metropoles, verdade he que começando todas ou por conquista, ou por estabelecimentos em terras despovoadas, os naturaes dos paizes conquistados forão desde logo reputados servos, e os estranhos que hião de fora juntar-se a elles, ou estanciar com domicilio nas terras desabitadas, hião ali buscar fortuna, quando não erão malfeitores professos nos vicios e nos crimes, a quem a humanidade trocára a morte pelo degredo: e por isso consideradas as Colonias como rigorosas conquistas, e habitação de facinorosos, bem poucas ou nenhumas largas se devião dar aos Colonos, e cumpria tirar-lhes todos os meios de se rebellarem. Mas graças ás luzes do tempo

e aos progressos da Civilisação, já hoje conhecem todas as nações possuidoras de Colonias que deve ser outro o modo de as ligar á Metropole, contrahindo vinculos de interesses commerciaes com vantagens reciprocas, e sem os inconvenientes e consequencias de forçada obediencia.

As Colonias devem considerar-se municipios; assim colonisárão Gregos e Romanos, e desta maneira cresceo vantajosamente o poder e a gloria de Roma. A arte de colonisar consiste em dar aos Colonos todos os direitos de propriedade, conservar-lhes seus usos, e costumes, guardar-lhes seus foros, e mantel-los debaixo da tutela da metropole, tirando por via de diversos ramos de industria a maior quantidade de producções analogas ao Clima e fertilidade dos terrenos para fornecer ao commercio, e á navegação huma somma equivalente de exportações. As Colonias que não desempenhão este unico ponto essensial servem de peso á Metropole, e, ou se definão gradualmente, se deixadas na infancia, ou se rebellão, se muito civilisadas.

Ao Sul da Villa de Sena, em distancia de trinta legoas, jaz o reino de Manica que encerra as mais pingues e mais fartas minas de oiro de toda a Africa Oriental. Pode dizer-se que ali toda a terra he oiro, colhe-se á flôr sem necessidade de ser minerada, quasi todo he folheta, que não tem quebra, e pouco ha em pó: mas hum e outro he dos mais subidos quilates. Alem das minas de oiro ha ha outras de optimo cristal, e algumas se tem descoberto de topasios, safiras, e esmeraldas. No centro deste reino conservão os Portugue-

zes huma feitoria, ainda ha pouco sobejamente lucrosa, e hoje deserta e de nenhum proveito. Ali concorrião annualmente, principios de Abril até fins de Maio, os Mercadores de Rios de Sena, trazendo fazendas de pouco preço, com que resgatavão grande copia de oiro que os Régulos, e Cafres das mais longas terras ali não falhavão de trazer, para se proverem do necessario. Haviamos ali huma povoação com sua freguezia da invocação de N. Senhora do Rosario: era a Igreja rica de Ornamentos, e parochiada por hum Vigario dos Religiosos de S. Domingos: e a fortaleza, que tambem ali tinhamos, estava guarnecida de boa artilheria. Ainda existem hoje muitos vestigios dos edificios que ali houve, vê-se por elles que erão grandes, bem construidos, e os moradores bastantes; mas actualmente nem a freguezia tem parocho, nem Ornamentos, nem imagens, nem coisa que inculque ser casa de Deos. Os fogos são seis, outros tantos os moradores, e esses mesmos não permanecem, vão na monção, e voltão com ella para a Villa de Sena.

Endireitando rio acima, rosto ao noroeste, na distancia de sessenta legoas da Villa de Sena jaz a Villa de Tete, bebendo no rio da parte do Sul, o qual antes de levar ali as suas agoas, tornêa algumas campinas formando diversos esteiros que fazem pernadas pela terra, e que engrossão com as cheias do inverno, tornando-se então navegaveis, mas sem que nesse mesmo tempo haja sitio que admitta embarcações de toneladas, se não coches, escaleres e barquinhas. Este rio em sua maior largura, quando mais cheio e espraiado, te-

rá legoa e meia ao muito: e quando reduzido a seu leito ordinario, como costuma correr estreitado quasi todo o anno, terá de largura hum quarto de legoa. Começa de se enriquecer de agoas de Novembro até Maio, e deste mez até ao de Outubro as despeja no mar pela barra de Quelimane, levando já de mistura, com as suas, as que recebe dos Rios Mazoa, e Rebuy, com que principia de se fazer despenhado.

He Mazoa hum rio consideravel, que em diversas paragens sepára nosso continente das terras do Monomotapa: he navegavel em partes, e onde o não he transpõe-se a váo com agoa pelo joelho. O Rebuy he de menor monta, estanca-se no estio sem mais vislumbres de Rio, que alguns charcos, e pauis formados pelas chuvas; e quando estas acertão de cahir grossas e copiosas, formão varias ribeiras de maior ou menor grandeza que, como entrem os calores do estio, se estancão de todo.

A Villa de Tete foi populosa e rica em tempos antigos, ora he pobrissima em tudo; tem apenas quarenta e oito fogos, em que habitão dois Europeos, os mais ou são naturaes de Goa, ou mestiços da terra, e negros forros entrando na conta as duas companhias da primeira e segunda linha.

Tem esta Villa huma freguezia da invocação de S. Tiago, e he do mesmo nome a povoação e a fortaleza. A Igreja he rica de bons Ornamentos, e parochiada por hum Vigario da Ordem dos Pregadores, cuja he esta missão. Ha ahi outra Igreja de que he orago S. Francisco Xavier, que era a residencia

dos Jesuitas naquelle logar. O governo politico pertence ao Governador de Rios de Sena com subordinação ao de Moçambique; a administração economica a hum feitor nomeado pela Junta da Fazenda desta Capitania; a municipal á Camara; a jurisdicção crime e civil a hum Juiz ordinario com recurso de agravo nos casos civis para o Ouvidor de toda a Capitania, e d'elle para a Relação de Goa, o que durou até o anno de 1824, e desde esse tempo por Carta Regia da mesma era sobem os recursos nos feitos Civeis para a Relação de Lisboa, e nos Crimes para a Junta Criminal de Moçambique aonde findão em ultima instancia sem excepção de foro, alçada, ou privilegio. Todas estas authoridades andão em pessoas ignorantes e mercenarias que tudo atropelão, negoceião, e vendem sem vergonha do mundo, nem temor de Deos. Posso asseverar que em todas as Villas da Capitania de Moçambique não ha justiça, nem acto administrativo que não ande em almoeda.

O Territorio de Tete he mais dilatado que o de Sena e Quelimane. Muitas das terras estendem-se da outra banda do Zumbeze, fazendo fronteira á Villa no territorio Marave; forão havidas por compra, e existem dellas nos descendentes dos compradores poucas; incorporadas na Corôa por execução, e dadas em vidas a emphyteutas a maior parte.

Esta Villa he escala principal de todo o Commercio de Rios de Sena, ali concorrem todos os mercadores com fazendas tomadas a credito nas feitorias da Corôa, alem das remessas de commissão, que lhes envião de Moçambique, e destribuem pelo Ser-

tão dentro em resgate de oiro cobre e marfim.

Distante desta Villa obra de sessenta legoas jaz a povoação de Zimbo; navega-se rio acima por espaço de quarenta legoas, e dahi até Chicova são conduzidas as fazendas aos hombros dos Cafres. Em alguns manuscriptos achei este logar de Zimbo com o nome da Ilha de Marmé, e dão-lhe por fundador hum natural de Goa de appellido = Pereira, = o qual capitaneando hum troço de gente, que andava dispersa, veio com ella fundar nesta ilha huma pequena colonia commerciante. Com o andar do tempo se tornou rica e populosa: ora está tão mingoada e pobre, que tem apenas quatro moradores com huma freguezia da invocação de Nossa Senhora dos Remedios, quazi demolida, sem ornamentos, sem parocho, em tudo differente do que fora em melhores tempos.

Deste logar sahem os mercadores em direitura a Chicova, aonde esperão as carregações de que ahi deixão parte em mãos de homens que as feitorisão até serem permutadas por oiro e marfim; e a outra parte mandão pelo Sertão dentro entregue a conductores, que ali chamão moçambazes, os quaes vão resgatar oiro por todo o vasto territorio de Xingamira particularmente em Abutua Capital do Reino, aonde ha o mais subido e em maior quantidade. Estes moçambazes dilatão-se mais de anno com o retorno dos resgates, se he que voltão com elle, que bastantes vezes por lá ficão, sem mais delles se saber nem das fazendas que levárão; apezar disso e de outros contratempos que se encontrão pelo Sertão

dentro, o resgate do oiro em Abutua no anno mais escaço não desce de seiscentas pastas, que vem a ser setecentos e dois marcos e huma onça.

Do mesmo sitio da Chicova vão os moradores para a Serra da Mexonga e gastão nesta jornada sete dias a bom andar. Nesta Serra, que he como nossa, fazia-se annualmente huma feira de muito concurso: ali haviamos huma feitoria, huma parochia, e hum Capitão-mór; ora he sitio ermo, sem folgo vivo, nem casa alevantada.

A esta casta de aldêas volantes chamão os naturaes = Bares =; este que haviamos na Megonga, he no territorio Marave, que se deve chamar territorio do oiro por não haver logar, aonde, por pouco que se cave, se não ache logo muita copia delle do mais fino quilate; o que não acontece nas terras áquem do Zambese, aonde se não tem até agora descuberto, pode ser que por falta de diligencia, se bem que os signaes externos, que o inculcão, tambem ali os não ha.

No mesmo territorio Marave estão os bares de Cabrabaça, Bive, Cassunca e Mano; os tres primeiros são hoje de mui pouco rendimento, o quarto he de grande proveito: oiro não o ha melhor, cristal muito e mui superior ao de Manica, e todo o anno o colhem em grande copia os moradores de Tete que para este effeito alli concorrem com sua escravatura.

Toda a lavoira destes bares he feita por mulheres negras em quanto os homens ficão servindo de atalaias, e lhes vão buscar lenha aos mattos, e mantimento ás aldêas; são obri-

gadas estas negras a dar a seus Senhores por mão dos feitores, que as governão, o oiro que colhem diariamente; andão repartidas em magotes que não tem cada hum menos de doze com seu feitor que ao Sabbado entrega ao Senhor todo o oiro colhido n'aquella semana, guardando na sua mão o producto de dois dias para com elle lhe comprarem fato e mantimento.

A lavoira das minas, sobre ser obra de mulheres, he feita sem arte, cavando com huma saxola, sem profundarem a terra, e como acertem com veia vão apoz della até toparem objecto que cause embaraço: então passão além, ficando-lhes muitas vezes atraz o oiro que vão buscando ávante. Bem pode dizer-se que ali colhe-se o oiro que a terra brota espontaneamente á superfice, sem se lhe abrir o seio, que a minerar-se com regra, colher-se-hia aos cestos, e não haveria achar-lhe fim.

Os Cafres senhores do terreno aonde se estabelecem os bares, não tocão oiro por haverem que he morte certa se o tocarem. Mantem os Régulos esta superstição para fazerem monopolio deste metal, e recebem as fazendas que lhes levão os mercadores para alcançarem licença de o minerar em suas terras. Esta superstição não se estende aos de mais Cafres, e he peculiar aos deste territorio; em todo o outro he livre e permittida geralmente a mineração. Que importa pois que nossas terras não produzão oiro nesta paragem, se temos os meios de nos senhorearmos exclusivamente de todo o que nasce em tão dilatado territorio?

Nestas alheias terras, que, pela dependencia em que estão de nós, devemos chamar nossas, a nenhuma Nação convem resgatar e commerciar, senão á Portugueza: por que só ella pode introduzir com lucro pelo Sertão dentro as fazendas e generos que os Cafres necessitão, sendo parte para este effeito a vezinhança, o trato de longo tempo, e possuirmos todos os pontos ao longo da Costa, que dão entrada a tão vastissimo territorio. Não lhes he facil trocar hum estilo que nelles se tem feito natureza, preferindo o trato com outras nações, cujas artes e maneiras inteiramente desconhecem. D'onde foi bom concelho fundar aquellas feiras de Zumbo e Manica, e deve estabelecer-se outra em Sugre que he territorio nosso, e o melhor ponto de escala para quem vai de Sena para Manica, Quiteve e Baroé; fortificado este ponto, ficavamos senhores absolutos do commercio de todos os Sertões. Com estas feiras forrão-se os mercadores aos perigos e contratempos que por ali encontrão, e, não podendo os Cafres prescendir dos generos que lhe lá levamos, hão de vir por elles ao mercado, quando a necessidade os aperte. Até agora não se tem seguido este voto: porque quem de lá o podia dar, que erão os Governadores e Capitães-Mores, tiravão maior lucro daquelle dezordenado trafico que, pela authoridade e preponderancia, lhes ficava sendo privativo, que da concorrencia nas feiras, aonde não podião mercadejar exclusiva e despoticamente sem lhes irem á mão.

A Villa de Tete deve ser outra escala com mercado permanente para substituir o

commercio que os bares volantes de Bive, Mixonga, Cabrabaça, e Mano, fazem pelos estendidos dominios do Marave e dos outros Regulos seus confinantes; Zumbo deve ser a derradeira escala aonde concorra todo o oiro da Abutua em retorno das mercadorias da Europa levadas ali pelos Portuguezes.

Em todas aquellas terras não ha cavallos nem bestas muares, senão jumentos que por mui bravos não dão cavalgadura nem se deixão amansar para o serviço domestico: e esses mesmos são poucos; quando, não ha terreno mais proprio para estabelecer caudelarias, aonde tudo são valles dilatados, espaçosas campinas, estendidas planicies, e os pastos bons, que nem os ha mais pingues nem mais abundosos; duas vantagens vinhão das caudelarias: facilitar os transportes de terra, ficando os escravos desembaraçados para outros misteres: e serem as aldêas mais bem defendidas dos insultos dos Cafres. Nada he mais facil que trasladar para ali a melhor raça de cavallos da Persia, e da Arabia pelo trato com seus naturaes, e em breves annos ha de multiplicar grandemente. Não dou com a rasão de se usar Soldadesca de cavallo na Africa do Occidente, e não a ter nunca havido na Oriental; nem aquella tem maiores planicies, nem he tão fertil de boas pastagens, não visinha com povos mais dezabridos, corpulentos, e forçosos, que os de Xangumira e do Monomotapa, nem as margens do Cuanza precisão mais defeza que as do Zambeze; com a notavel differença que as ribeiras do Cuanza e suas dependencias dão apenas algum mantimento aos moradores d'Angola, e as do Zam-

beze e suas annexas produzem marfim oiro e pedras preciosas que podem ir a toda a parte do mundo.

Da Villa de Quelimane vem continuando a Costa até á ponta da Bajona, fronteira a Moçambique, e, fazendo huma meia lua com a de Saneulo, forma a pequena bahia do Mocambo fortissima de baleas e abundante de bom pescado. Sertão dentro estende-se o reino Macua o de Maurusa e o de Mongala que vai fenecer no focinho de Cabo Delgado. Em toda a beira mar desde Quelimane até á Bajona, que he a distancia de sessenta legoas, jaz hum só régulo que he feudatario da Corôa portugueza. O mar tornêa varios alfafes, ilheos, e bancos de arêa, formando hum canal com a terra firme, por onde incurtão viagem os Navios pequenos: mas com perigo de naufragarem.

A ponta da Bajona fica fronteira á outra chamada da Quitangonha, e entre ellas está huma grande enceada, onde jaz a Ilha e Cidade de Moçambique, olhando para o mar ao Nordeste e ao Sul, e para a terra firme ao Oeste e ao Norte: ficando-lhe fronteira a Costa povoada de Aldêas machumbas e palmares rendozos; jaz em quinze gráos e tres minutos Latt. Sul, e quarenta gráos e cincoenta e sete minutos Long. E. de Greenwich. He terra baixa, assente em rocha, cercada ao Sul por hum recife de penedia, aonde o mar, quando impelido dos ventos, se enrola e rebenta com tanta furia que não ha tomar terra por este lado. A maior estenção da Ilha de hum cabo a outro he de meia legoa, e na maior largura, terá meio quarto quando muito.

Os naturaes do paiz são negros, e a colonia primitiva, que ali fundárão os Arabes, era composta de gente de diversas nações orientaes que vivião de mercadejar; navegavão em bateis que chamavão Zambucos, que não tinhão cuberta nem pregadura: erão leados com cavilhas de páo e cordas de fio de palmeira: as vélas erão da mesma materia tecidas como esteiras muito tapadas; navegavão com agulhas levantiscas e quadrantes, sem despegarem da Cósta: que, em se amarando a perdella de vista, ou éra viagem mui dilatada, ou naufragio certo. Vivião na lei de Mahomet, era gente rica e bem apessoada, vestião pannos de algodão listados, e na cabeça trazião toucas com vivos de seda tecidos de fios de oiro: e, cingião traçados mouriscos, com adagas nos braços. Vasco da Gama assim os achou quando deo fundo nesta Ilha, então regida por hum Xeque vassallo do Rei de Quilôa.

Em tempos passados, e não foi ainda ha muito, era terra doentia por ser apaulada, e de muitas agoas estagnadas, metade della coberta de parrado arvoredo aonde nem o Sol entrava nem giravão os ventos cahindo todos de rebojo sobre o povoado: mas desmoitadas as arvores, livres os ventos, encaminhadas as agoas, e alevantados alguns edeficios, enchugou o terreno, e purificou-se o ar quanto bastou para se tornar incomparavelmente mais sádio.

Em poder dos Arabes já era Moçambique o centro commum do Commercio africano: e vindo a nosso poder ficou sendo escála certa dos navios que do reino fazião viagem para o

estado da India: e por isso Affonso de Albuquerque, e depois delle D. João de Castro fortificárão a Ilha tão grandemente. Não ha melhor porto em toda a Costa d'Africa Oriental: ali estão seguros dos temporaes os navios que entrão, e tem juntamente comodidade na carga e descarga. O canal arquêa defronte da Cidade fazendo hum reduto capaz de grande numero de navios de todo o lote, estancia segurissima de todos os ventos e travessias.

A Cidade estava aberta, a uso dos antigos tempos, ora está coberta por tres fortalezas e cinco redutos; o circuito he pequeno, as ruas estreitas, as casas nobres, se bem que de arquitetura ordinaria, nas mais dellas portaes espaçosos e boas entradas, os terrassos de alvenaria, que tornão calmosos os apozentos e desfeião os frontispicios: dentro nehum concerto, nem riqueza em moveis e alfaias. He pobre de agoas nativas, e provê-se das que se colhem nas cisternas que são tantas, que não ha casa nõbre ou edificio publico que as não tenha; não só abastecem os moradores, mas das sobras, que não he pequeno ramo de commercio fazem agoada os navios.

São os principaes edificios: o palacio do Governo situado em huma praça, dominando o porto e todo aquelle recinto, ficando-lhe á esquerda a casa de Alfandega, e á direita a casa da guarda, obra mesquinha que não diz com a da Alfandega que lhe faz fronteira, e que he edificio espaçoso e bem construido. A Sé Matriz aonde se celebrão os Officios divinos com limpeza e reverencia. O convento de S. Domingos, no qual nunca residirão

mais de dois religiosos: metade do qual está para elles reservado, e a outra no anno de 1826 foi convertida em quartel dos caçadores sipaes com todas as commodidades e officinas militares. O Convento de S. João de Deos, aonde no mesmo anno em metade do edificio se estabeleceo o quartel do regimento de infanteria, que até áquelle tempo o não tinha, dormindo os soldados sobre a terra humida sem resguardo nem guarida: e ora poucos regimentos do Reino estão mais bem aquartelados; a outra parte do edifiico he hospital militar; até áquelle mesmo anno, estancia mui acanhada e mal repartida, sem commodo dos enfermos, e sem officinas correspondentes, e hoje melhorada quanto cabia na estreiteza dos limites, com enfermarias separadas e bem arejadas, casa de convalescença, botica, depozito de mantimentos, e dois quintaes que servem de logradoiro, e recreio aos enfermos. A Igreja da Misericordia, com hospital para doze pobres que ali são bem tratados, e he mantido pelo rendimento de doações particulares, acrescentado pela munificencia d' ElRei D. José. A Igreja de S. Paulo; a Ermida de Nossa Senhora da Saude; e a Ermida de Santo Antonio, dentro da fortaleza do mesmo nome. A Casa da Camara, que he o edificio nobre, e o não ha mais grandioso em nenhuma Capitania.

A Cidade tem duas praças; na primeira existe o bazar, ou mercado publico: he hum quadrado regular, cingido de casas com airosa simetria, e em cada angulo huma arvore mui vistosa e copada, que não despe as folhas em todo o anno: no centro ergue-se o

pelourinho de boa materia, e bem trabalhada. A outra praça chama-se de S. João: he terreiro espaçoso, hum pouco sobre o comprido, e tem no centro hum bem fabricado Obelisco que no anno de 1826 erigirão os moradores da Cidade em tributo de gratidão ao Senhor D. João VI; admira como em terra tão pobre de artistas e artifices se fizesse obra tão perfeita.

A' beira mar, em linha parallela com esta praça está o Celeiro público, bom edificio, bem arejado, com janelas para os ventos Cardeaes, dentro do qual os generos cereaes estão bem acondicionados, e se vendem sem taxa a arbitrio de seus donos, ou consignatarios. Foi estabelecido no anno de 1827 com grande proveito dos moradores, e má vontade dos monopolistas.

Defronte da Cidade faz o mar huma enceada, e sobranceira a ella jaz a Aldêa de Mossuril composta de palmares e casaes rendosos, aonde vivem os escravos em povoações arruadas, todos estes casaes pertencem aos moradores de Moçambique, e são foreiros á Camara da Cidade, ali se grangeão mantimentos de toda a sorte, estremando-se a farinha de mandíoca que não ha della nem mais fina nem mais saborosa em nenhuma terra do Brasil; de huns a outros casaes vão ruas mui largas sombrias com arvores, abraçando as ramas humas com outras, e estendendo-se a perder de vista, humas parallelas, e outras de travez com arte, e simetria, e vão acabar todas em vastas planicies a que chamão langoas. Estas arvores são quasi todas cultivadas á excepção de mui poucas; as silvestres esbeltão-se sobre as cultivadas, ex-

cedendo-as na grossura dos troncos no fexado dos ramos, e na riqueza das folhas e succede-lhes (o que não acontesse ás cultivadas, que conservão a verdura todo o anno) como chegue o mez de Janeiro despem as folhas, e são ellas em tanta copia, que nas primeiras agoas começão de apodrecer e fermentar vindo a ser causa de bastantes febres. No mez de Maio (tal he a fecundidade do clima) apparecem revestidas de novas folhas, como se nunca as houvessem despido. Parece que os productos naturaes não tem perdido nestes terrenos aquelle vigor com que a natureza os creára tudo he mais vigoroso, mais fecundo, mais activo, que o clima da Europa; os proprios cafres, tão dados á preguiça, são mais robustos, mais corpulentos, e mais esbeltos, que os moradores das Zonas temperadas. A enciada he cingida de mangues, trazem-lhes as marés grande copia de peixe miudo: e na ponta da Mapeta ha ostras em que se crião perolas, e algumas ahi se colhêrão em tempos antigos, mas em tamanha altura de agoa que ás vezes custou a vida aos mergulhadores. Daqui até á cabeceira grande corre huma espaçoza estrada ao longo da Costa, ficando entre o mar e a terra humas como lezirias ou insuas semelhantes ás dos rios Tejo e Mondego; anda-se esta estrada sem ser tocado dos raios do sol pelas muitas e copadas arvores que a sombreião, e de espaço a espaço topão-se casaes e pomares mui aprazíveis.

A Cabaceira grande he outra Aldêa, que já foi povoada, e com bons edificios, de que só restão os fundamentos e alguns palmares com casas dispersas. A Cabaceira pequena

prende com a grande : he Aldêa de maior numero de casas e habitação de moiros pescadores; ali vem desagoar o rio da Quitangonha, que he hum braço do rio de Fernão Veloso, que de muita distancia vem despenhado e arrogante desaguar entre os picos fragosos, e o baixo do Pinda. As terras que medeão entre estes dois rios são propriedade da Coroa Portugueza, havendo governo, e uso-fruto dellas o Xeque da Matibana.

Estes Xeques são maiores independentes com vassalos, e authoridade quasi real, Senhor de vidas e fazendas, e tem seus magnates e sequito de côrte; são descendentes dos que possuião aquellas terras quando ali chegárão os Portuguezes: e logo reconhecêrão seu imperio, sugeitando-se e entregando-as, ficando-lhes perpetuamente o dominio util com a condição de nos ajudarem na guerra com gente sua dando-lhes nós as armas e munições quando não os quizermos com flexas e azagaias: são fieis e obedientes, e ha poucos exemplos de se rebelarem; todavia, se acertão de o fazer quando provocados ou oprimidos com violencia, não discorsoão, pelejão rijamente, e sempre sahimos mal e elles vencedores. Este Xeque e o de Sanculo seu confinante em dando as mãos armão acima de doze mil negros destemidos e possantes, conhecedores das varedas atalhos e escondrijos, aonde atrahem os brancos, não havendo encontrallos em guerra aberta, nem fugir-lhes ás flexas e azagaias arremessadas donde menos se esperão. Não são destes cafres que se despersão e desbaratão com armas de fogo: porque fazem uso dellas como nós mesmos, e

não se assustão com o seu estampido. No reinado da Rainha D. Maria I. ficou Moçambique exhaurido de cabedal e gente por effeito de huma guerra caprixosa com o Xeque da Matibana que alfim levou á vante suas pertenções; e no anno de 1830, por outra guerra mais caprixozamente intentada com o mesmo Xeque ficárão vasios os Cofres da Coroa onde existião seiscentos contos de réis; elle triunfante, e o governo escarnecido. Releva hum systema particular, mais pratico que especulativo para os conter em obediencia sem o perigo de se revoltarem.

A Cidade de Moçambique, não he despovoada, se bem que os naturaes da terra sejão em pequeno numero; compõe-se a povoação da descendencia de alguns individuos que ali forão por sua má ventura, ou em busca de a grangearem boa, os quaes se aliárão com as filhas dos naturaes de Diu e Damão que ali vierão pelos mesmos motivos; conservárão alguns o puritanismo de sangue, outros, menos escrupulosos, antepozerão a grossura dos cabedaes. Desta arte se estabelecêrão e perpetuárão: e destas familias ha poucas, e mui desbastadas. Os mestiços, os negros criolos, e os cafres escravos formão o grosso da povoação. He mui resumido o numero de Portuguezes Europeos, consistindo a maior parte em militares da guarnição, de que se não póde dar conta certa, por depender da quantidade de degradados e Officiaes, que para ali vão annualmente em cada monção; cifra-se o resto da povoação, e não he pequeno, em gente estrangeira e avulsa, que vem ali mer-

cadejar e residir a maior parte do anno, e em Banianes, que por certo praso se estabelecem com domicilio, e trafico de toda a sorte de commercio grosso e miudo: e no fim delle recolhem á sua patria. Não se pode determinar com certeza huma população tão contingente, que varía por tantas causas, nem formar hum cadastro, que não seja mentiroso.

No anno de 1829 existião em Moçambique cento e doze Banianes; quinhentos e sete moiros naturaes do paiz, contando ambos os sexos, e de todas as idades; trezentos e cincoenta e sete Christãos, dos quaes cento e noventa e cinco brancos contando mulheres e meninos de quatorze annos; mestiços cento e trinta, dos dois sexos entrando os não adultos: negros menores cinco, maiores dois: negras menores huma, maiores vinte e quatro. Cafres escravos acima de cinco mil de ambos sexos, e de todas as idades.

Os proprietarios, ou se dêem ao commercio ou á agricultura, aplicão-se a grangear com trabalho, mas falta-lhes a industria; desconhecem como se adubão as terras, e cuidão que he ociosa cousa em tão fecundo terreno, nem fazem differença entre terras grossas e delgadas, havendo-as por boas e capazes de toda a producção sem diversidade de grangeio; não sabem de enxertias, não apárão nem decotão as arvores, deixando tudo ao cuidado da natureza; não usão arado nem aravessa; cavão com enchadas á flor da terra: lanção-lhe as sementes e esperão a colheita; todo o amanho he feito pelos cafres, elles plantão, semêão, colhem a seu modo, e querer-

lhes ensinar a agricultura da Europa he tempo perdido: não ha forças que os obrigue, nem rasão que os convença. Muitas são as arvores cultivadas, tanto das indigenas, como das que nascem na Asia, e na Europa; facil he naturalizar muitas outras, como fizerão os Arabes de Zanzibar, que, por descredito nosso, nos dão de rosto em commercio e agricultura. Ha pouca variedade de generos cereaes, e alguns de bem escaça producção: arroz quasi que o não ha. e provêem-se do que lhes vem de Sofala e Quelimane: cevada e trigo não vingão em todo este terreno apezar das repetidas tentativas que se tem feito para o conseguir: milho ha muito de duas qualidades, grosso e fino, ambas primorosas, desfazem-se em farinha mais alva que a de trigo, e quasi que não deixão farelo. São muitas as hortaliças, e muito mal horteadas, e não se atribua ao torrão e ao clima, o que he só culpa dos cultivadores.

As raizes farinaceas conhecerão-se em Moçambique pela primeira vez no anno de 1776, e de então para cá produzirão grandemente. Das plantas medicinaes ha taraxaco, almeirão, abutua, scyla, marcela, grama, barbatimão, a que ali chamão mutamba, fedegozo, arnica, nicoceana, meimendro, altea, alcaçuz, losna, sene, e jalapa. Não faltão dos vegetaes que servem ao commercio, ás artes e aos diversos usos da vida, a saber: gomma laca, gomma copal, algodão de tres cores, anil, caffé, e assucar, de tudo muito e o melhor. Além destas producções podem naturalisar-se o cravo e a nozmoscada: por-

que assim aconteceo nas terras dos Arades que confinão com as nossas. São muitas e diversas as madeiras de construcção todas ellas indigenas, custosas de trabalhar, porem muito duradoiras.

No reino animal foi a natureza mais escaça com este territorio; dos animaes ferozes ha tigres, quizumbas que simelhão com as onças, porcos espinhos, raríssimos leões, e tudo isto de arribada, quando, apertados pela fome, ou perseguidos pelos cafres do interior do Sertão. Animaes domesticos bem pode dizer-se que os não ha: o gado vacum vem da ilha de Madagascar, e he commercio dos Mojojos das ilhas de Comoro; tem-se lidado de balde em o conservar e propagar, havendo tanta copia delle em Sofala, Inhambane e Cabo de Correntes: mas tem sido trabalho perdido; que em acertando de comer certa erva que nasce de mistura com o capim, e que d'ella se não pode estremar, he morte infalivel nos animaes que remoem. Porcos ha muitos, e não he menor a abundancia de cabras e ovelhas: ambas differentes das nossas: as primeiras por haverem o pêlo curto em vez de gadelha: as segundas por não haverem laã, senão cabello atirando para o das cabras: mas a carne dos carneiros he deliciosa, principalmente a dos de cinco quartos, que he a raça de Ormuz. Aves domesticas e do monte ha de quazi todas conhecidas na Europa; passaros não os ha mais variados, mais lindos no matizado das côres e no assetinado das pennas; borboletas ha poucas; insectos quazi nenhuns, á excepção de gafanhotos de arribada, que ali

chegão de tempos em tempos em bandos tão numerosos e cerrados, que não ha sementeira que escape á sua devastação. Bem pode ser que seja riquissimo o reino mineral; mas a natureza até hoje não abrio ali estes seus thesouros: apenas ha tradicção de algum oiro pouco e de baixo quilate, que antigamente se colhia: he de crer que aconteça o mesmo no Sertão que decorre a Oeste e ao Norte de Moçambique: porque todos aquelles Sertanejos traficando em diversos generos, que resgatão por outros nossos, não entra n'aquelles oiro prata nem casta alguma de mineraes.

O Commercio de Moçambique para todas as terras da Azia foi materia de grande monta em tempos antigos e ligava Portugal com a Arabia, a Persia, e a China, concorrendo para isso a latitude da ilha, e a capacidade do porto. Até o anno de 1807, que o Senhor Rei D. João VI assentou côrte no Rio de Janeiro, os moradores desta praça, e da Bahia de todos os Santos frequentavão a de Moçambique aonde estabelecião feitorias e mercadejavão com as ilhas de França no trato da escravatura, e para os portos da India em marfim, oiro, e buzio: retirando-se passado algum tempo, bem recheados das riquezas da Azia. Da Havana era raro o anno que não entrava hum galeão com fartura de patacas hespanholas sem nenhum outro genero, e voltava carregado de marfim, abada, escravos e tartaruga. De Bengala assim como das ilhas de França vinhão alguns navios anno por outro: os de Bengala deixavão coiros, loiça, e fa-

zendas brancas: e sortião-se de oiro, marfim, e buzio; os das ilhas de França trazião patacas columnares, loiças de diversas castas, espingardas, polvora, e toda a casta de mercadorias da costa, levando em troca buzio, marfim, abada, escravos, e muito oiro em obra com que recolhião para as suas ilhas.

A trasladação da Córte para o Rio de Janeiro, e mais que tudo os dois tratados de commercio de 1810 e 1815 alterarão todo o systema do nosso commercio ultramarino. Andava antes daquella epocha tão agricultado o da praça de Moçambique que tinha quatorze galeras suas, sucedendo as mais dellas serem armadores e marinhagem tudo da mesma terra; e foi tal a quebra que hoje apenas tem duas escunas, e os donos são banianes do Indostão.

He de pasmar a ignorancia crassa em que vivem os brancos e mestiços da terra que se tem em conta de policiados; não são varridos de talentos, mas a falta de conversarem povos civilisados, a intimidade com os cafres, o seguido trato com os Arabes, o uso diario de praticarem com facinorosos degradados, lhes tem feito communs bastantes dos seus estilos e costumes, e não conhecem outros. As artes correm parelhas com a instrucção publica: das liberaes nenhuma ha, e das poucas fabrís são essas mesmas exercitadas por gentios de Diu e da costa de Guzarate. Os homens naturaes do paiz cuidão no amanho das terras, são diligentes e laboriosos. As mulheres pela maior parte vivem na ociosidade, rodeadas de suas escravas ao uso da Arabia; mas al-

gumas ha aplicadas ao governo da casa, e a grangear com trabalho e industria de portas a dentro, como os homens fora de casa.

Os ares de Moçambique não tem a malignidade que vulgarmente se lhes atribue, e sua insalubridade vem mais de descuidos do governo, da devassidão dos costumes, e da falta da boa policia, que da má qualidade do clima. Os habitantes da ilha são córados, nutridos, robustos, sem quebras nas forças senão de Fevereiro até fins de Abril, e de Setembro a Outubro, o qual tempo mais ou menos a todos apalpa; as enfermidades mais vulgares são febres intermittentes, acompanhadas de obstrucção ou enfarte no figado, as quaes se tornão perniciosas ou degenérão rapidamente em continuas nervosas ou tiphos malignos. São rarissimas todas as outras enfermidades: nenhuma ali ha endemica, e as contagiosas, de que o ar he vehiculo, não se comunicão; daquellas mesmas febres cura-se a maior parte, mas são frequentes e funestas as recahidas, e as convalescenças muito dilatadas; as enfermidades catarrosas são pouco vulgares: pouco conhecidas as inflamatorias, á excepção de alguns pleurizes, sarampo, e bexigas que dão ahi pouco cuidado: as doenças de pelle não correspondem á ardencia do clima.

He erro vulgar decidir dos effeitos sem se estudarem as causas: expedem-se levas de degradados, despachão-se Officiaes em cada monção, e tem havido annos em que na seguinte já não existem os que forão na primeira, e argumenta-se com isto; mas para

se conhecer a causa desta mortandade, deve attender-se á vida devassa dos degradados, e de muitos dos Officiaes despachados: ao máo tratamento nas cadêas, nos prezidios, e na viagem, aos castigos que sofrem em todos estes logares, chegando a Moçambique desfalecidos, desfigurados, e as mais das vezes já comvalidos da enfermidade que os mata; e que encontravão em desembarcando? o mesmo trato das cadêas, e dos prezidios, os mesmos e maiores castigos, mais duras fadigas, alimentos mais corrompidos, ares mais doentios, nenhum freio nos vicios; e que muito que morressem dentro de hum ou dois annos? Admira que durassem tanto tempo, e só duravão os que tinhão força de gigante, e constituição de ferro. O Clima de Moçambique he talvez o mais sadio de toda a costa d'Africa, não tanto como os das outras terras da America e da Azia que jazem dentro dos tropicos, mas igual e melhor que o de muitas outras, entrando algumas da Europa: e com o tempo e boa policia ha de emparelhar com o de todas de que se não falla por doentias.

Ao norte de Moçambique na latitude de 12 gráos jazem as ilhas chamadas de Querimba, ou de Cabo Delgado no numero de trinta e huma das quaes só cinco são povoadas, a saber: Arimba, Carimba, Ibo, Matemne Anize; Ibo he residencia do governo, e a mais povoada; Anize he a maior, tem dez legoas de circumferencia mas he quasi deserta; as outras, ainda que mais povoadas, são todavia mui desprovidas de gente. As cinco ilhas povoadas contem cento e sessenta fogos: tudo

casas terreas com paredes de madeira e cobertas de colmo com alpendres da mesma feição das que ha em Moçambique; a casa do governo, e a Igreja matriz differem no tamanho, não já na materia nem na architetura. Cifra-se toda a povoação em seiscentos e dois individuos de ambos os sexos e de todas as idades, e destes só os funccionarios publicos são catholicos, tudo o mais he gente de diversas crenças, cafres, moiros, parses e Arabes de diversas castas. O ar he sadio, o terreno fertilissimo: e bem grangeado não haveria fruto que não produzisse. Os mares são abundantissimos de bom pescado, e na lambuge das praias são tantas as tartarugas que podiamos fazer com ellas grangearia de commercio, se por desleixo não deixassemos andar esta pescaria em mãos de Mojojos, no que fazem não pequeno cabedal, vendendo-nos o que colhem em nossa propria casa.

Passo em rezenha, e como por alto por estes nossos dominios da Africa oriental, dizendo em grosso de cada hum delles, porque reservei particularizar miudamente cada hum dos assumptos na Memoria Estatistica daquelle nosso continente que em breve daremos ao prélo. Ali expendo quanto pude colher nos diversos ramos administrativos: ali fallo dos usos, e dos costumes dos diversos cafres que nos são sugeitos: da força e artes dos regulos com quem confinamos: do commercio que com elles fazemos, dos differentes generos de resgate, das remessas, dos retornos, da mineralogia, dos animaes, das plantas, da maneira de minerar as terras e de as

cultivar: dos diversos modos de colher e purificar o oiro, da navegação, das artes, da forma do governo: em huma palavra do que ali eramos, do que somos, e podemos ser; e das vantagens que podemos tirar de territorio tão abundoso, tão rico, e tão dilatado; mas tudo será debalde se não se emendar a mão em erros capitaes, principal origem de muitos outros. Ha pontos essenciaes que se devem tomar por base, e vem a ser; Primo: consultar pessoas entendidas e desinteressadas, conhecedôras dos homens, dos terrenos, e das cousas; gravissimos são os males que nos tem vindo de se haver praticado o contrario. Eu tive occasião de o observar; nunca averiguei objecto de interesse publico, ouvindo os que mais se me mettião á cara, que não viesse a resposta em utilidade propria, e geral desproveito: não ouvi as classes separadamente, que não desconcordassem os votos, porque erão diversos os interesses.

Secundo: legislar convenientemente sem generalisar principios, e regras administrativas, senão particularisando-as em relação aos usos, indole, caracter, interesse, e até abusos de tantas, e tão diversas gentes, tão alheias de nossas praticas, modo de viver, e que não ha policia-los, quando muitos dos seus erros são para huns as verdadeiras normas, e para outros motivos e principio de crença religiosa. De se ter obrado de diversa maneira, andão ali sem lei e regras fixas as nações e os direitos daquelles povos, e os da corôa; mandavão-se observar as leis do reino na parte em que podessem ter aplicação: não existião

as hypotheses, a lei tornava-se inutil e tudo ficava arbitrario e dependente do caprixo, paixões, e interesses dos poderosos e de quem governava.

Tercio: reformar com tento, madurêza, e prudencia. Deslizar neste ponto he sublevação infalivel no estado presente das coisas, pelas pertenções e superioridade do Isman de Mascate, e ressentimento dos Xeques pelas offensas e demazias do ultimo governo de Moçambique. Para estes regulos e Xeques se conservarem obedientes releva conformar com elles até nos abusos; huma vêz sublevados, he necesario ceder ou comprar a paz com sacrificio dos cofres publicos: e perdida fica toda a força moral, que he a unica de que ali podemos valer-nos, e que ainda nos sustenta. Terras conquistadas, povoadas de Cafres, cujos regulos ainda não perdoárão a conquista: estancia de facinorosos jubilados nos vicios e nos crimes, e de escravos sempre de mão levantada contra seus senhores: territorio confinante com hum potentado que domina o resto da costa ao norte do canal, havendo em frente a ilha de Madagascar, e os Sacalaves auxiliados politicamente pelo systema colonial de Inglaterra, os quaes não perdem vez de acometter Moçambique: tudo isto he parte para se não legislar e reformar a esmo sem averiguação e maduro concelho.

Como aquelles povos só conhecem a liberdade natural, e nenhuma idéa formão do cativeiro politico, andando o anno de 1821, aproveitárão o encejo, e entendêrão que as liberdades patrias consistião no exercicio dos

crimes e das paixões; não houve forças para manter o respeito e a authoridade; daqui veio inteira anarquia por dentro, daqui a quebra de todos os vinculos que nos ligavão aos Xeques, aos regulos, e aos potentados de fóra: estes ameaçarão-nos, aquelles sublevarão-se, e os governos subalternos trabalhárão por se fazerem independentes. Em rios de Sena foi obra consumada, desligarão-se de Moçambique, erguerão governo sobre si, e buscarão unir-se ao Brasil. Em Quelimane abrirão-se os portos a todos os navios de commercio contra as expressas leis e alvarás d'ElRei D. José: la arrecadavão os direitos da coroa, la dispunhão delles a seu alvedrio, la se repartião por tres ou quatro individuos, que então se locupletarão nestas duas Villas, grangeando avultadissimo patrimonio com gravissimo detrimento da alfandega, e da praça de Moçambique. A Bahia de Lourenço Marques, e as ilhas de Cabo Delgado fizerão-se portos francos aos navios francezes com inteira quebra dos tratados e comprometimento da Coroa Portugueza. Os Xeques lembrados de antigas prepotencias não somente se separárão da obediencia, senão que o mais poderoso delles quiz influir nas medidas do governo e nas elleições com ameaças pozitivas de o fazer de mão armada, quando por bem o não conseguisse. Os regulos, sem o freio dos Xeques, desatarão-se huns contra os outros: não havendo da nossa parte outro freio para os reprimir. Radame Rei dos Sacalaves, senhor de quasi toda a ilha de Madagascar ameaçando evadir Moçambique: praticando o mes-

mo o Isman de Mascate, rei poderoso com exercito e esquadra, amigo e aliado dos Inglezes; os escravos não conhecião obediencia; os soldados não havião sobordinação; as authoridades civis e militares erão desobedecidas e ludibriadas. Eis as consequencias de querer emancipar similhantes conquistas, de tratar esta especie de colonias como as puramente alianigenas, de generalizar principios e regras administrativas, e mais que tudo de assentarem os que governão, que se a intriga e a protecção os elevou aos empregos, ficárão por isso sabedores de tudo, e dispensados de se instruirem e aconcelharem.

Valeo á conservação da integridade da Capitania, achar-se a Villa e territorio de Quelimane com governo proprio separado da dependencia de Rios de Sena: que a estarem unidos como em tempos antigos e ora está novamente, a Cidade de Moçambique ficaria deserta, as Villas á beira mar absorvidas pelos Cafres, e as de Sena e Tete encorporadas com o Monomotapa; se acertassem de escapar ás armas do Isman de Mascate apercebido sempre para se assenhorear de todo o canal em se lhe offerecendo a primeira aberta. Logo que a Cidade de Moçambique não seja o centro de todas as especulações mercantis, de todas as relações politicas e administrativas daquelle dilatado territorio, que deste centro derivem e se repartão para os differentes governos subalternos as ordens, os productos de commercio da Azia e da Europa, os retornos dos Sertões, em summa toda a vitalidade social, perdidos ficão para Portugal to-

dos aquelles dominios. Qando em 1821 se verificou a desobediencia de Rios de Sena, e se pretextou para as Cortes daquelle tempo com as grandes vantagens e chimericas felicidades, maliciosamente prometidas para se alcançar a desanexação, era tudo jogo particular de alguns ambiciosos que aproveitárão as circumstancias, a epocha, os principios dominantes, e a ignorancia crasa do governo de Lisboa á cerca das coisas da Africa Oriental. Aquelle plano abria campo a muitas e lucrosas especulações, em que a humanidade teria que gemer e toda a Capitania ficava sacrificada no curto prazo que durasse em nosso poder.

O Senhor D. João VI, com a Corte no Rio de Janeiro, aonde pela maior proximidade, e mais continuado trato com as partes africanas era mais bem instruido do que por ali se passava, aprovou a proposta de Francisco de Paula Cavalcante hum dos mais entendidos governadores de Moçambique, e com mão de mestre separou Quelimane de Rios de Sena, estabelecendo dois governos distinctos com iguaes atribuições e da mesma gerarchia. Desta arte remio o commercio desbaratando os monopolios, poz cobro ás vexações com que aos subditos e regulos vezinhos oprimião os baixás, não já governados de Rios de Sena; e sem ficarem seus habitantes privados dós beneficios commerciaes do porto de Quelimane alcançárão outros com esta separação.

No anno de 1829, quando todos os malles andavão apostados a qual havia oprimir e

desolar mais vivamente este nosso malfadado paiz, tornarão-se a unir estes dois governos: unidos que forão, renovarão-se os antigos dezastres as tiranias e as vexações de toda a sorte, reduzio-se a preseguição a systema: proprietarios e colonos abandonarão as terras, soblevarão-se os Cafres, e volveo aquelle territorio á sua primeira e calamitosa condição. He de esperar que ministros mais illustrados se não iludão consultando sobre taes assumptos pessoas ignorantes e interessadas, ou prezumindo-se sabedores de tudo, só porque são ministros.

Em graves erros cahirão os governos passados, e bem poucas vezes em consequencia das doutrinas dominantes: a prezumpção, a ignorancia, e os caprixos, originárão a maior parte delles; por ignorancia, colonizado com degradados, com elles formámos a defeza de tão importantes dominios e nada mais. Se he força castigar certos crimes com a pena de degredo, vão os degradados ser cultivadores, vão ali estabelecer-se com domicilio e familia, de-se a cada hum determinada porção de terreno e instrumentos de lavoira, e todos os outros necessarios para agricultarem e minerarem as terras, livres de todo o encargo por certo prazo, e com maiores ou menores auxilios segundo sua maior ou menor industria; então dados ao trabalho e cuidados domesticos, bem pode ser que se tornem bons cidadãos; então veremos verdejar searas de anil nas ilhas de Querimba; veremos recamadas de loiras espigas tantos baldios incultos e agrestes nas campinas de Quelimane e Rios

de Sena, veremos extrahir do parcel de Sofala as perolas e os aljofares, e do interior do Sertão o oiro mais apurado; veremos florecer o commercio pela exportação de todos os productos do reino mineral e animal de que abundão as terras de Inhambane e Cabo de correntes; assim terão emprego e grangearão a vida os cafres até agora materia de commercio, captivando-se huns aos outros por não haverem outra maneira de subsistir; veremos finalmente que a perda do Brasil não he irreparavel, e deste modo iremos levando os naturaes da Cafreria á civilisação Europea até o gráo que nos convier.

Não se nos venha á mão com a sabida contrariedade que nossos maiores erão mestres, a que não escapárão os meios de nos engrandecer: que não devemos tocar em coisas que he de crer, que elles averiguassem, e despresassem por inuteis ou impossiveis, que a estas e outras similhantes contrariedades temos a resposta prompta. Diremos: que elles passárão por alto sobre as vantagens que os Holandezes souberão tirar do Cabo da Boa-esperança, e que hoje melhor do que elles desfrutão os Inglezes: diremos que errárão em abrirem mão da Ilha de Mascarenhas, hoje denominada de = Bourbon =, de ares mui sãos, cortada de ribeiras de saborosossimos pescados, e riquissimas do milhor coral: cujas montanhas são povoadas de toda a sorte de aves, e os Valles produzem copiosamente quanto he necessario para os regalos da vida; fructas e hortaliças ha quasi de todas, e superiores ás da Europa; as arvores silves-

tres, as cultivadas, as flores, as ribeiras cristalinas embelesão a vista, enchem os ares de fragancia e temperão os ardores do Sol. E porque motivo abandonámos tão abençoado territorio? por erros que os Francezes conhecerão e emendárão, fundando a Cidade de S. Diniz, e as Villas de S. Paulo, e S. Pedro, as mais formosas da Africa Oriental, povoadas com seis mil negros, vivendo na abundancia, antigamente pelo producto do cravo, e do Café de que fazião grangearia e commercio para a Europa, e hoje do producto do assucar de que annualmente carregão para França muitos navios em retorno de manufacturas que de lá lhes mandão, e se consomem no Sertão e algumas terras da Azia. Diremos: que tambem errárão como dezamparassem a Ilha de S. Lourenço, que ora se diz de Madagascar, sem conhecerem a utilidade da bahia de Santo Agostinho, e do porto de Bombatoque, onde os Francezes lidão tanto por assentar feitorias, assim pelas vantagens do Commercio, como pela abundancia de gados de que he fartissima.

Não sei porque escura fortuna hão de os Portuguezes modernos arremedar as nações estrangeiras nas modas e nos estilos, e não as hão imitar nos principios de verdadeira sabedoria. Portugal antigo foi forte no continente, quando Hespanha dividida em diversos reinos emparelhava com elle na força, na educação, e nos costumes. Sua verdadeira riqueza, como a das outras nações Europeas, consistia nos productos da agricultura, e as especulações mercantis reduzião-se a mui es-

cassas permutações do pouco que a cada huma sobrava. Atrahiu a admiração da Europa com suas descobertas, e conquistas: desde 1415 até Vasco da Gama dobrar o Cabo da Boa-esperança, e suas armas penetrarem pelas Indias Orientaes até ás portas do Japão; com a passagem do Cabo mudárão os interesses do mundo; o commercio, a navegação e as artes tiverão nova existencia; as substancias e materias até ali raras ou desconhecidas viérão enriquecer aquellas tres fontes de prosperidade. Tudo mudou de aspecto, crearão-se novas relações, parece que se abrirão as portas de hum mundo novo, e fomos nós que patenteámos á Europa até aonde elle se estendia. As nações então mais poderosas, e as que hoje são classicas em liberdade, riqueza, e industria, não satisfeitas com a estreiteza dos dominios europeos dilatarão-se em conquistas e colonias seguindo exactamente nossas pizadas, indo buscar grandeza e fortuna por novas descobertas; a Hespanha estendeo as suas pelas Indias Occidentaes, pela America meridional, e por diversas ilhas do mar pacifico: assim como Portugal as estabeleceo na India Oriental, no dilatado territorio do Brasil e nas ilhas do Occeano Occidental. Os Inglezes, a este respeito rivaes dos Hespanhoes, espalharão-se pelo Indostão, por toda a costa de Coromandel, pela do Malabar, e pela America Septentrional. A França, apezar da sua força e riqueza no antigo continente, levou seu dominio á Ilha de S. Domingos, á Louisiana, á Guadalupe, á Martinica, a Santa Luzia, a Tabago, a Caena

na America Meridional: ás Ilhas de França nos mares da India: a Pondichery e Chandernagor no continente da Azia, e ao Senegal no territorio Africano. Os Holandezes esestabelecerão-se no Cabo da Boa-esperança, na Batavia, em Ceilão, em Surinam, e em diversas partes da Azia, sendo por espaço de muitos annos a primeira potencia maritima de toda a Europa.

Não só a Inglaterra se não deo por contente com as conquistas que fez, e colonias que originariamente fundou, se não que, por lhes conhecer a utilidade, poz em obra todos os meios para chegar a possuir, como ora possue, as que forão nossas, as de França, as de Holanda, e algumas de Hespanha, tornando-se desta arte a potencia mais formidavel, já pelo dominio dos mares, já pelas muitas e requissimas possessões orientaes, de que tira a sua preponderancia no Continente.

Como he pois que Portugal, tão pequeno em territorio, tão minguado em industria, tão atrazado nas artes, tão diminuto no commercio, tem a presumpção, para lhe não chamar supina ignorancia, de alardear do que foi, sem attender á pobreza em que está, e de que póde remir-se grandemente quando queira e saiba aproveitar os beneficios com que a natureza o favoreceu em todo aquelle vastissimo e riquissimo territorio.

Por estas considerações, e para que a memoria que ha de sahir á luz, se não tome por ostentação de letras, por isso comecei de mais longe, entrando por terras alheias an-

tes de chegar á nossa bahia de Lourenço Marques; he por aquellas terras e com aquelles Regulos e Cafres que temos de andar e cumpre conhece-las, e conhece-los. Não desprezei miudas cousas e as fui tocando em seus logares, porque de as desprezar tem vindo aos nossos serem ali mal agazalhados e havidos por máus hospedes; e, como quer que muitas e diversas causas concorressem para a decadencia dos dominios Portuguezes nesta parte do mundo, faço menção de algumas quando por acêrto me cahem da penna.

Sem nenhum rebuço nem rodeio declaro meu parecer, ainda que por conclusão fique com o tempo e feitio perdidos. Muito se haveria lucrado, se nos Conselhos e Tribunaes, que tem a seu cargo dirigir os negocios publicos, se houvesse fallado com maduro juizo e valentia: encontrando as propostas sem respeitos e attenções pessoaes; e sem certa fraqueza, e abatimento de animo que reina no mundo: não se atrevendo ninguem a desgostar a quem manda. Como as propostas descobrem logo as tenções pelos termos em que vem concebidas, os que se julgão mestres no trato do mundo canção-se mais em enfeitar linguagem para as dar por acertadas, que em cuidar se o são; temem perder logar na affeição dos poderosos, e, conformando com elles, sugeitão o entendimento á lizonja, e a verdade ao interesse. Desta fonte tem brotado grandes males, e praza a Deos que não continuem.

No tempo d'agora estamos tão atrazados a respeito de nossos immensos dominios Afri-

canos como na epocha em que os descobrimos: o que sabemos de mais he de pouca ou nenhuma importancia para utilidade de Portugal; a Africa he tão rica em metaes e pedras preciosas como as outras regiões: e he tão capaz como a America de se povoar de colonias de europeos; pequenas feitorias estabelecidas á beira mar, que he o mais a que chegárão os Portuguezes são de mui diminuta monta: a Africa só pode prosperar pela influencia de huma grande colonia europea.

Sobejava similhante empreza para levantar o nome Portuguez; aos olhos da boa filosophia a gloria da civilisação iguala a das conquistas. A nosso entender nada era mais bello nem mais humano que levantar esse immenso territorio da penuria a que está reraduzido, derramando sobre elle as innumeraveis vantagens da civilisação, e dar-lhe no globo a gerarchia que convem á sua importancia. Os Portuguezes de hoje devem ser os authores de tamanha obra, e são obrigados a mostrar á Europa que sabem exercitar a industria, como seus antepassados souberão menear as armas; aos Portuguezes modernos compete policiar os mesmos povos que os Portuguezes antigos decubrirão e vencêrão.

FIM.